



M. A. de Sullivan Souza

RAYMUNDO ANTONIO DE BULHÃO PATO

I

A lucta da poesia com a prosa não é de hontem, nem de hoje. O vôo livre da aguia sempre offuscou os que se arrastam, miopes e cançados, atraz das pequenas vaidades, e das pequenas coizas, mais orgulhosos da falsa gloria de homens positivos, do que se o louro da epopeia, ou o diadema dos principes da arte, lhes cingisse a fronte.

Para elles a estrophe esplendida, que sulca de luz uma época, a tela aformoseada pelo pincel dos mestres, um estatua de Phidias ou de Canova, o Othello de Rossini, ou o Propheta de Mayerber, são apenas vãs sumptuosidades, que oneram os Estados, quando auxiliam o gosto, ou ociosas superfluidades, quando figuram como pompas accessorias do luxuoso tracto de alguns Mecenas enriquecidos pelo agio, ou pela usura.

Se não se atrevem a fulminal-as com altivo desprezo é porque se temem do castigo; mas em segredo vingam-se sorrindo com olympica indifferença do premio, ou do louvor, que anima o alvorecer de uma rãdiosa vocação.

Que importam, porém, no meio da Europa culta os motejos anonymos, as repugnancias estultas, e as rivalidades ineptas da seita dos adoradores da prosa?

Empalideçam embora sobre o papel das copias officiaes. Para

os confundir basta apontar-lhes para o sol da intelligencia, que ha tantos mil annos illumina o mundo.

Corôem-se no fóro, nos comicios, e nos pretorios, e no meio do seu cortejo de um dia proclamem que os libellos e as contrariedades, as circulares e as portarias concorrem mais do que os «Lusiadas» e a «Divina comedia», mais do que o Tasso e o Ariosto para enobrecerem o brazão moderno das nações.

Em quanto elles blasphemam, cegos pelas trevas interiores, os que veem adiantam-se, e assignalam o seu caminho.

Se lamentam que a admiração, ou o estímulo (este raras vezes!) saúdem o genio, cuja realesa firma o throno na immortalidade, projectando sobre o futuro a sombra dos vultos que o dominam pelas idéas, nem por isso as queixas murmuradas a medo, e os reparos afiados pela inveja, ou pela calumnia, apagarão das paginas da vida intellectual dos povos os titulos, que os afrontam.

Deixai-os passar os triumphadores da prosa, porque o seu reino acabará com elles. Occupam-se debalde em erguer, como prodigio de desveladas concepções, uma fabrica tão fragil, que a meio seculo de distancia já ninguem verá o edificio.

Quando o verdadeiro monumento á roda do qual esvoaçam como enxames endoudecidos se achar completo; quando o pensamento da época estiver traduzido no poema, na sciencia, no marmore, e no painel, a posteridade chegará á base, e gravando no rosto do seculo findo os nòmes dos que foram grandes, dispersará ao longe, como inuteis e perdidas, as cinzas d'essa obra, cujos architectos desconhecidos se julgaram a si mesmos gigantes, medindo-se, não pela estatura dos que o foram pelas faculdades, mas pelas proporeções elasticas do amor proprio assooprado de paixões, que um impeto accende, e outro extingue.

Felizmente passou já o tempo, em que a corôa entretecida pelas musas encobria a corôa de espinhos. Hoje ha logar para todos, e nas eminencias do poder temos visto applaudir nos conselhos dos povos a voz eloquente de poetas oradores, ecco admirado da poderosa voz que agitava em Athenas e Roma auditorios compostos de nações inteiras.

Ser poeta, e só poeta, já não se reputa crime. A civilisação concedeu fóros de cidade a esses *loucos* sublimes, como diz um grande escriptor, que atravessam as sociedades com os olhos da alma no ideal, e suspensos de seus labios param a escutal-os, como videntes e prophetas do porvir, (que o são em muitas occasiões,) aquelles mesmos que outros estudos chamam por opposta estrada. Irmãs e intimas as artes e as sciencias abraçam-se, entendem-se, e completam-se.

Traçando o esboço biographico de um poeta, cuja carreira póde dizer-se que apenas se abriu hontem, antes de correr o lapis para delinear os contornos da sua phisionomia animada e original, pareceu-nos que não seriam de mais como fundo do quadro estas reflexões.

A nossa idade, mixto ainda confuso do antigo e do moderno, não corrigio de todo os preconceitos e as theorias absoletas do velho Portugal da saudosa era dos in-folios historicos, dos idyllios, das nenias, e dos epicedios.

Lembra-se menos do que devia de Camões e dos cantores, que ornaram os seculos do seu esplendor, e mais do que é justo da mendicidade e da servidão deploravel d'esses vates degenerados, que sacrificam á gula e á devassidão, fazendo de seus carmes venal offerta nos banquetes dos poderosos.

Estamos em época diversa, de certo, e a athmosphera é tambem diversa. Odio aos versos era o mote de graves togados, e de encahecidos estadistas, na decadencia, que precedeu a queda de um regimen decrepito.

¶ Quem o adoptaria hoje? Abertamente ninguem; mas a occultas não faltam detractores, que cheios de si e arrebatados pela admiração dos primores caligraphicos de uma penna official ao rasgar o cursivo elegante de qualquer carta de lei, não hesitam em se cortejarem uns aos outros em dialogos deliciosos, estampando o ferrete innocente da sua microscopica emulação sobre os talentos, que os deslumbram.

São os Sanchos dos nossos dias. Créem que fustigando o humilde jumento podem acompanhar os que, sem os verem, os deixam longe de si não apressando o passo; e na obesidade irrisoria de sua fofa *burocracia*, entre a raspadeira e o tinteiro, declaram-se opprimidos, porque não se commetteu a iniquidade de antepor o raso copista ao escriptor, a mediocridade ao engenho, a machina ao inventor.

A veia tão espirituosa no seu desleixo de Alfredo de Mussel, que não perdoava facilmente, deixou-nos retratados os phariseus da arte, punindo-os com a immortalidade do ridiculo.

J'aime surtout les vers, cette langue immortelle.
C'est peut-être un blasphème, je le dis tout bas;
Mais je l'aime à la rage. Elle a cela pour elle,
Que les sots d'aucun temps n'en ont pu faire cas,
Qu'elle nous vient de Dieu — qu'elle est limpide et belle,
Que le monde l'entend, et ne la parle pas.

II

Bulhão Pato nasceu em Bilbao, nas provincias vascongadas, e foi creado em Deusto, pequena e risonha povoação assentada sobre o rio, a uma legua da cidade, viçosa de arvores e flores na frescura do valle, em que se debruça circumdada de montanhas, cujos tópes as neves encanecem nos rigores da estação.

Quando abriu os olhos a lucta civil dilacerava a Hespanha. Póde dizer-se que foi embalado ao som dos canhões, e que a canção guerreira dos carlistas, ou dos christinos, foi o primeiro canto, que o adormeceu no regaço materno.

Singular coincidencia !

A geração poetica que fundou entre nós a escóla moderna afinou as primeiras estrophes, e retemperou o stillo no meio do estrepito das armas. Garrett e Herculano, soldados e cantores, padeceram as dores e as amarguras do exilio, e conheceram as estreitezas do assedio ; a geração que se lhes seguiu ao entrar na adolescencia encontrou as paixões, os crimes, o sangue, e o luto d'essa guerra das idéas, a que os nomes dos principes serviram de bandeira, mas que no fundo se pelejava entre a sociedade antiga, que desabava, e o principio vivificante da liberdade moderna, robustecido pelas perseguições e pelo martyrio, que se erguia triumphante como Anteo da sua terceira queda.

Poucas provincias viram tão de perto, como a que foi o berço do nosso poeta, os horrores das discordias civis.

Tres vezes cercada, e nunca vencida, Bilbao salvou talvez a causa de Isabel II com a vigorosa resistencia que oppoz a D. Carlos. Disparando a balla, que feriu mortalmente a Zumalacarregui, roubou ao exercito inimigo o grande general, que parecia captivar a fortuna, obrigando a victoria a ser-lhe companheira fiel em todas as emprezas.

No continuo perpassar de esquadrões, e dos corpos armados, que o odio politico tornára ainda mais implacaveis, do que estrangeiros, a aldeia d'antes socegada e feliz, e a casa habitada pela familia de Bulhão Pato não poucas vezes mereceu a triste honra de ser designada para quartel general a officiaes de ambos os campos, e até para ponto de defeza.

Zumalacarregui commandava o segundo sitio de Bilbao, quando o poeta, ainda no balbuciar da infancia o viu no meio do cortejo bellicoso das tropas, e gravou na idéa a imagem d'este grande vulto guerreiro, talvez o maior d'aquelle doloroso periodo. O general tinha o seu quartel no convento dos Capuchinhos, em um cerro distante um tiro de espingarda da casa do auctor da

Paquita, e apesar da idade tenra nunca mais o pequeno Raymundo esqueceu o dia, em que elle foi ferido, ficando-lhe representadas na memoria a tristeza e a desesperação, que romperam com a noticia da sua morte.

Quando a espada saiu da bainha, e esta se atirou para longe entre filhos da mesma patria, por onde passa a lava ardente tudo ficou queimado.

Foi o que aconteceu em Ducsto.

Accusavam-a de se inclinar ao partido, que tomára por timbre sustentar os fóros das provincias vascongadas, e n'aquelle tempo atraz da suspeita pouco se demorava a vingança.

Breves horas depois de levantado o cerco de Bilbau os soldados constitucionaes assolaram a povoação e os suburbios, procurando exceder-se uns aos outros na barbaridade e nos estragos.

Logo em seguida as labaredas desenrolaram-se dos tectos, as portas arrombadas cederam ao machado dos assassinos, e o sangue das victimas inermes e sem culpa tingiu os louros de uma victoria, que as cruezas enegreceram.

No meio dos horrores de semelhante espectaculo, vendo ao clarão dos incendios a aldeia a abraçar-se, e as tropas convertidas em salteadores, atravessando carregadas com os despojos do saque, a familia de Bulhão Pato decidiu-se a desamparar a habitação aonde sem duvida igual sorte a esperava.

Foi um dos maiores e mais afflictivos trances, de que ainda hoje se recordam com horror os que o experimentaram.

Fugindo á crueldade dos vencedores, homens, senhoras e creanças buscaram o refugio das montanhas por veredas penduradas sobre abysmos, por alcantis olhando para precipicios, por bre-nhas enredadas e sombrias. Este era o caminho que tinham de correr com o terror a agrilhoar-lhes os passos, e com a idéa da morte affrontosa a perturbar-lhes o animo.

Foi n'um d'esses lances desesperados, em que a realidade tantas vezes se adianta ás fabulas poeticas, que vendo o filho desfalecido de fadiga, a mãe de Bulhão Pato, tão extremosa quanto prendada de raras virtudes, cobrando brios com as ameaças do perigo, o levanta de repente nos braços, e encostando-o ao seio, sem permittir que ninguem mais lhe tocasse, com alento sobrehumano, sóbe com este peso, que o amor lhe torna ligeiro, as encostas mais ingremes, e transpõe com pé seguro os despenhadeiros mais arremessados.

Só quando respirou em salvo, e se achou desassombrada do maior cuidado é que sentindo fugir as forças, e conhecendo que a não podiam por mais tempo ajudar, depoz em terra a creança,

de certo pasmada do vigor emprestado por aquelle arrebatamento de ternura, que só cabe no coração affectuoso da mulher, porque só ella sabe amar e morrer sem uma queixa, quando a voz do dever a chamá, e lhe diz obedece!

Para o poeta este principio da sua carreira não foi perdido. Creado entre armas e combates aprendeu a encarar o perigo sem receio, e familiar com elle a desafiá-o mais de uma vez sem motivo, exaltado pelo ardor do sangue peninsular que lhe pula nas veias, e pela memoria da educação fragueira dos primeiros annos.

III

No meio dos conflictos civís, e no seio da perturbação, que elles geram, a estremecida infancia de Bulhão Pato atravessou o balbuciar dos annos ao collo dos carinhos e meiguices de pais, que punham n'elle todo o seu amor.

Entretanto não era entre o ruido das armas, que a sua educação podia corresponder aos cuidados e desejos dos que o amavam; e na falta absoluta de mestres sua mãe D. Maria da Piedade Brandy, e sua irmã mais velha encarregaram-se de gravar n'aquella memoria tenra os rudimentos da instrucção elementar, que já podia receber.

Com ellas aprendeu a leitura, as primeiras noções de grammatica, e os principios da lingua franceza.

Seu pae Francisco Antonio de Bulhão Pato, homem de vontade firme e de um valor admirado nas guerras da independencia, incumbiu-se pela sua parte de lhe ensinar a escripta, e de o ir aperfeiçoando no conhecimento da lingua de Voltaire e de Chateaubriand.

Nos exercicios corporaes foi tambem quem o dirigiu, e habil em todos, procurou que o desenvolvimento phisico acompanhasse desde logo os progressos da intelligencia, que principiava a amaneher.

Aonde o engenho do filho enganou as suas diligencias foi no estudo da mathematica. Por mais claras que lhe apresentassem as demonstrações, uma negação completa parecia cegar-lhe o entendimento, inutilizando todos os esforços.

De resto á vivesa natural unia já as graças do espirito realçadas por esses toques de profunda e melancolica sensibilidade, que de ordinario são depois na vida o segredo dos bellos rasgos da imaginação, mas que os maiores cantores expiaram sempre pelo doloroso preço de grandes amarguras, umas verdadeiras,

outras mais apparentes, que reaes, porém não menos crueis e pungentes para o que as padece.

Bulhão Pato nasceu fadado com este dom funesto para o mundo dos interesses e das vulgaridades, mas essencial, indispensavel, para aquelles, que a inspiração ha de arrebatár mais tarde, elevando-os acima dos pequenos colossos de vaidade que se chamam grandesa de sangue, opulencia de oiro, ou soberba de honras, e que não passam comtudo de pó assoprado, para lhes mostrar de alto todos os dominios do ideal, esse immenso imperio aonde o sol da gloria nunca teve occaso, e aonde reinam com os outros principes da arte Homero e Milton, Dante e Camões, Byron e Cervantes.

Para os que são poetas do coração, e não da cabeça, e que não devem a um temperamento particular a olympica indifferença, com que Goethe sabia servir-se das paixões como de instrumentos, que depois de aproveitados não hesitava em quebrar, os suspiros de Desdemona, as estrophes de Parisina, as magoas lyricas das canções do auctor dos «Lusiadas» e as queixas maviosas do cantor das «Folhas Caidas» não significam puros artificios de fórma, nem meros arrojões de metro. N'aquellas paginas, como em um espelho, reflecte-se a alma, (e que alma!) dos martyres das músas. Mais de uma vez os prantos melhoram a penna, que tecia as caprichosas linhas da phisionomia do immortal Quixote.

O riso que alegra a sublime ironia do heroico manco de Lepanto rebentava-lhe a elle em lagrimas pelos olhos, quando se contemplava a si, que Deus fizera tão grande, posto aos pés dos pobres de espirito e dos humildes de engenho, e quando para brindar a Hespanha com o monumento, que não a tornou menos afamada, que as suas conquistas e navegações, carecia de se arrastar de porta em porta pelas escadas dos cortesãos, implorando um Mecenas já com as sombras da morte sobre o rosto.

Na idade mais juvenil, a par da sensibilidade que se lhe notava, e que era o indicio da vocação precoce, os dotes da phantasia começaram a madrugár, revelando em Bulhão Pato, como em Bocage, as impaciencias do estro.

Fallava com facilidade o francez e a lingua vasca, recitava com propriedade e calor os versos, que seu pae lhe dictava, e talvez mesmo os que compunha, porque o antigo militar das luctas do imperio estimava os versos, e não se despresava de os escrever no gosto da escola, que então dominava, e á qual o talento esplendido de vate Elmano poz a corôa na cantata de «Leandro e Hero,» e nos inimitaveis sonetos, que serão sempre o desespero dos imitadores.

Em 1837, mais desanuviado o horisonte politico da Hespanha, recolheu-se á patria a familia do poeta. Contava este apenas sete annos, e o mar n'esta primeira viagem e na idade em que todas as grandes sensações se incutem, não quiz que o baixel lhe cortasse as ondas sem se vestir das pompas da tempestade.

Por entre o clarão dos relampagos, e os escarceos das vagas despenhadas, soltos os furacões, e rebombando pelas aguas o estalar dos trovões, pintou-se-lhe a morte a cada instante, ora ameaçando o navio do fundo dos abysmos, ora sacudindo-o da juba espumante dos rollos atravessados. Todas as temerosas magnificencias, de que a tormenta se adorna, viu elle passar n'esses dias, em que a esperança por horas chegou a sumir-se no anciado peito dos navegantes.

D'estas scenas grandiosas, em que o temor e a admiração do poder de Deus se abraçam, conserva o poeta ainda hoje viva a lembrança, e é provavel que nunca mais as esqueça. Quem uma vez, e sobre tudo quando principia a firmar no caminho da existencia os incertos passos, teve occasião de ver de perto o grandioso espectaculo, que elle contemplou ao sair da procellosa bahia de Biscaia, recebeu como lord Byron o baptismo do Oceano, e cedo ou tarde, poderá retratar um dia como o bardo inglez, alguns d'esses paineis, que ficam de pé na posteridade, louvados e applaudidos como as telas do salvador Rosa, ou como as estancias de Camões, o cantor que melhor soube desenhar em grande as maravilhas da natureza dos tropicos, e a lucta dos elementos.

Quatro annos depois da chegada a Lisboa, em 19 de Agosto de 1840, perdeu Bulhão Pato seu pae, ferido repentinamente por uma lesão de coração, quando o filho entrava nos dez annos, e quando mais necessarios se tornavam os desvelos e a vigilancia de um homem esclarecido para lhe encaminhar as inclinações nascentes, dirigindo por estrada propria a sua educação.

Mas se o tumulto acabava de se fechar sobre o protector da sua infancia, e se a mão vigorosa que o havia de ajudar a atravessar os principios da juventude lhe faltou de subito, no coração estremoso da mais terna das mães lhe concedeu a providencia a possivel compensação.

Estranha até ahi inteiramente á administração dos negocios domesticos revestiu-se de valor para supportar as saudades da viuvez, substituindo pelo amor e pela dedicação a perda do chefe da familia.

IV

Senhora nos dotes da alma e pelas prendas do espirito, fez-se homem para salvar da ruina a pequena fortuna, que tinha escapado intacta dos revezes das commoções civis, e ao mesmo tempo não se poupou a sacrificios, nem a esforços, para abrir pelo estudo ao mancebo, que para ella era o penhor e o retrato do esposo morto, a carreira ampla, que os seus talentos lhe podiam proporcionar n'uma época, em que rasgados todos os privilegios hereditarios, só o engenho e o trabalho nobilitam e elevam.

Depois de frequentar no collegio da rua do Quelhas as aulas de instrucção primaria, e as disciplinas, que constituem o ensino secundario, provavelmente com a invencivel aversão, que de todos os tempos os moços imaginosos sempre consagraram aos bancos das escolas e á sineta claustral das horas de silencio, Bulhão Pato respirou com mais liberdade cursando os geraes da Escola Polytechnica, creada em 1837 na dictadura de Manoel Passos pelo visconde de Sá da Bandeira, e hoje emula dos estabelecimentos da mesma indole em outros paizes.

Um obstaculo porém, mais irresistivel, ainda que a preguiça tão sabida nos validos das musas, desviava o poeta da fatal pedra, d'onde a mathematica, severa e rispida o repellia com um desastre em cada lição.

Ser-lhe-ia mais facil compôr em tres dias mil oitavas, mais ou menos estropiadas pela inexperiencia juvenil, do que arróstar-se com o terrivel volume das taboas de Callais, com as equações algebraicas de Francoeur, ou com os triangulos e trapesios de Vilella. No fim de longos dias de inutil e molesta peregrinação por aquella Siberia fechada para elle a sete sellos, retirou sem os despojos da batalha, trazendo para casa o fardo mais ligeiro possivel de conhecimentos scientificos.

Ajustada a somma d'este periodo achou que tres annos consumira para ficar sabendo apenas a conta de diminuir praticamente, e a de repartir com soffrivel rapidez. — De multiplicar nada!

É verdade que o seu professor de calligraphia, o qual hoje é de crer que se entumeça de orgulho por ter guiado os primeiros riscos e ligações de tão distincto alumno, não póde com motivo jactar-se de haver sido muito mais feliz. A letra do poeta é um pregão escandaloso contra as delicadezas dos finos e grossos, corôa e gloria dos Venturas e Godinhos.

Mas se o genio de Laplace devia cobrir o rosto diante d'este desertor dos numeros e das formulas transcendentis, outras ar-

tes, mais amenas, lhe estendiam os braços, e o convidavam, sorrindo-se, a segui-las.

As musas, amigas da sua infancia, e companheiras da sua juventude, as musas que talvez não tiveram pequena culpa na derrota mathematica, segredaram-lhe, não se sabe como, a melodia ingenua, e os toques graciosos, que recommendam a sua primeira poesia — *Se córas não canto* — feita aos quinze annos, ao desabrochar da vida florente de mancebo, e recitada quasi ao ouvido pelo poeta com aquella timidez, que affronta as faces de rubor, e suffoca a cada syllaba a voz tremula de commoção.

Vão já longe para elle e para nós os dias, em que assistimos todos a esta primeira estreia de uma sincera vocação.

O poeta escondia-se então de si, e córando hesitava, mesmo animado pelo sorriso de Almeida Garrett, tão cheio de bondade quando saudava um engenho verdadeiro, tão ironico e malicioso, quando entalado entre prosas pifias e versos claudicantes, sentia os ouvidos e o gosto martellados pela eterna legião de vates sepulchraes, cujas cabelleiras e barbas de porta-machado, eram a libré da seita romantica, seita no fim de tudo inoffensiva, e que veio a morrer afogada em ondas de tinta e de sem-saboria, como lhe pronosticou o mestre.

Bulhão Pato desde o primeiro canto separou-se dos pios luctuosos dos barbadões, e dos punhaes e venenos dos auctores carnicieiros, que percorrendo os cemiterios em busca de caveiras luzidias, e de spectros melodramaticos, enchiam a scena portugueza de anões e lobis-homens, encascados em grevas e coxotes, em arnezes e celladas, encharcando de lagrimas, que podiam ser mais bem aproveitadas, os lenços das beldades, que applaudiam por modo as tetricas e pavorosas composições, de que ás vezes só o ponto escapava para dar o ultimo reclamo no meio dos bravos da platéa.

A poesia se «*Córas não canto*» composta em Janeiro de 1847, é apenas um ensaio, mas um ensaio que logo denunciou duas qualidades raras, sobre tudo para a época em que foi escripta, — individualidade no estylo, e simplicidade desaffecteda na fórma, — exactamente o contrario do que mais apparecia então na plebe dos glosadores servís das bellas odes de Victor Hugo e dos cantos de Lamartine.

Era um carne fugitivo, mimoso, cheio de frescura e de enlevo, um carne que se não torna a repetir, porque o coração dos quinze annos, que o inspirou, infelizmente com os atritos da vida, á medida que aprende, endurece, e por cada nodoa das paixões, que mostra, perde uma fibra maviosa, um sentimento ju-

venil, um dos perfumes, que exhala, quando puro se abre como flor ao sol e á alegria descuidosa da primeira existencia.

Foi a esta poesia quasi da sua infancia, que Bulhão Pato deveu o seu conhecimento com Alexandre Herculaño, n'esse tempo mais recolhido do que hoje, e mais occupado com as letras, do que em vigiar o arado. Achavam-se os dois á mesa, em casa de José Estevão no anno de 1848, quando os primeiros rebates da revolução de fevereiro em França traziam entre nós os animos exalados, e as opiniões inquietas.

Estavam frescas ainda as cicatrizes da guerra civil de 1846, e os bandos, que a tinham pelejado, devorados pelos odios recentes, não conheciam a tolerancia, que actualmente converteu em rivalidades de escólas politicas as implacaveis e cruentas discordias, que ensanguentaram o berço da liberdade.

Presidia o ministerio o duque de Saldanha; e a urna eleitoral sob a pressão dos acontecimentos votára parcialmente ao ostracismo os maiores vultos do partido progressista.

Na tribuna viuva dos grandes oradores, que a haviam enobrecido, já não soava a voz eloquente de Almeida Garrett, e do seu contendor de 1840. Rodrigo da Fonseca entrára na Camara dos Pares, e apenas alguns mancebos, novos no estudo das causas publicas, e principiantes nas lides da palavra, começavam no parlamento o seu tyrocinio.

Em casa de José Estevão umas vezes, outras na Ajuda, em casa de Herculano, e algumas no gabinete do auctor de D. Branca, é que se reuniam os filhos da geração, que succedia á do Mindello, para ensaiar as primeiras obras diante da vista dos mestres, e com o conselho e incentivo d'elles.

Bulhão Pato, que apenas tinha rimado os versos de «Se córas não conto» obedecendo á vocação, como o róxinol solta o canto sem esforço, nem intenção, admirava de longe os nossos grandes escriptores contemporaneos com aquella tímida adoração, que é o pudor dos verdadeiros engenhos, e que o vulgo das creaturas mediocres nem aprecia, nem percebe.

Nunca tinha visto Herculano, sabia-lhe de cór os livros, e contemplava-o silencioso com a especie de fanatismo, que depois o tracto e o uso transformam lentamente em amisade e veneração.

No fim do jantar executou-se o que fôra ajustado sem elle o saber. Prenderam o poeta moço e intimaram-o para recitar as estrophês, que o pobre cantor na sua modestia quasi infantil julgava indignas de offenderem os ouvidos do auctor do «Monge de Cister» e da «Harpa do crente.»

O aspecto de Alexandre Herculano, na apparencia muito me-

nos accessivel, que o de Garrett, de certo não concorria para diminuir o enleio e a turvação do mancebo; porém não lhe valeram desculpas nem escusas.

A sentença estava proferida; foi preciso cumpril-a:

Principiou, pois, mais a balbuciar, do que a repetir os versos.

À medida que as estrophes se desatavam, o sorriso de Herculano desenhava-se, alegrando-lhe a bocca severa, e tomando aquelle ar sincero de interesse paternal, que os seus intimos lhe conhecem, e que tanto lhe espiritualisa a phisionomia.

Quando os grandes rasgos e as grandes idéas, lhe accodem; nas occasiões, em que a discussão ou o calor das crenças, exaltando-o, rompem a friesa exterior, que parece tornal-o indifferente a tudo e a todos, a voz de dentro chama por elle, e a transformação opera-se. Então a cabeça inclinada pela meditação e pelos habitos do bufete ergue-se transfigurada de subito, e eloquente no olhar e na expressão, sublime muitas vezes pelo convencimento, ou pela indignação, adivinha-se com facilidade n'aquelle rosto, illuminado pela chamma do genio, o homem que soube combater pelos principios modernos, o poeta que tão nobres canticos elevou ao encostar a espingarda de soldado da liberdade, e o profundo pensador, que levantando o sudario dos seculos e das épocas, lhes restituiu o viver e as feições, gravando na face do monumento a resurreição historica do que foi o velho Portugal, quando livre pela espada levantou á sombra da cruz a nova monarchia.

O sorriso de Herculano socegou os receios do poeta, e confortou-lhe a esperança. Os versos agradaram, e um aperto de mão e poucas palavras leaes, como as elle usa, disseram-lh'o apenas terminou.

L. A. REBELLO DA SILVA.

A SEMANA SANCTA

A filha perdida

Quelle nuit! quel silence! au fond du sanctuaire!
A peine on aperçoit la tremblante lumière
De la lampe que brûle auprès des saints autels

LAMARTINE—*Méditations.*

I

A noite começava a desdobrar seu manto de trevas sobre a cidade.

Uma grande multidão, em vestes de lucto, percorre as ruas em silencio, como se a dôr concentrada de uma suprema angustia lhe suffocasse no peito os desabafos do coração afflicto.

Não longe, a cathedral ergue as suas torres de granito acima dos edificios, como as tem erguido acima do poder demolidor dos seculos.

O seu aspecto é melancholico e severo.

A pallidez que lhe imprimira a mão do tempo parece agora mais grave e solemne. Dissereis que a envolve o lucto de um fundo pesar.

O campanario é mudo: a voz do bronze não chama os fieis á oração, infundindo-lhes no animo o sancto e piedoso temor da idéa de Deus.

No interior do templo não restrungem os canticos. Os sons do orgão, como ondas de harmonia, não enchem as naves, acompanhando os fieis nos desejos e esperanças, que lhes vôam nas azas da oração.

Estão mudos os eccos tantas vezes accordados pelas litánias do sacerdote e pelas supplicas ferverosas da alma piedosa.

II

Entremos.

As trevas e o silencio enchem a casa do Senhor. Ouve-se apenas, a intervallos, o murmurio comprimido, mais do coração que dos labios que oram, expressão anciada, ardente e ferverosa que não se explica, mas que se exhala e identifica com as profundas e venerandas impressões dos objectos que nos rodeiam, com o sussurro vago e confuso dos impetos da alma que a palavra não sabe traduzir, com o fumo do incenso voando em ondulações mysticas diante do tabernaculo, com o lampejo incerto do lampadario que arde em frente da ara sancta.

Caminhemos mais ávante.

A dor e o lucto do coração encontram os seus symbolos no aspecto solemne e funebre dos emblemas da Paixão do Martyr da Montanha.

Os altares estão desnudados: os retabulos onde a piedade e as tradições legendarias perpetuaram a vida e glorioso martyrio dos sanctos, envolve-os um denso crepe: nem um ornato, nem uma alfaia, nem um distinctivo veste as paredes, que se amostram nuas de alto a baixo.

O candieiro de sete braços, acceso em frente do altar, é o unico clarão que fulge em escuridão tamanha. É como o sentimento vivo da fé christã, que não esmorece e vela incessante no seio das trevas da impiedade.

Ajoelhados em ferverosa meditação, os fieis enchem as tres naves. Todas aquellas frontes postradas, a devoção ardente que as abraza, os labios tremendo-lhes em articulações piedosas, os suspiros que exalam do seio de uma crença intima, os impetos que vôam, os prantos contrictos que se inflammam, tudo confirma e proclama que um pensamento profundo, unanime, solemne, immenso, que o pensamento de Deus, reuniu n'aquelle logar todos aquelles peitos para sentirem um mesmo affecto e se abraçarem n'uma só prece.

Como uma gota de agua cahida no Oceano, o meu pensamento fica absorvido n'uma meditação profunda. O tremendo drama da Redenção está diante de meus olhos, na representação augusta de seus emblemas; na recordação das suas dores, extenuações, e angustias; na solemnidade significativa de todos os seus trances em que a natureza humana pediu todo o auxilio da natureza divina; na virtude das suas tremendas palavras de conforto, resignação e esperança; na significação sacratissima do pacto immenso com que um Deus, tornado homem, padeceu morte affrontosa afim de remir a humanidade.

A esta contemplação, a mente, assaltada de idéas que permanecerão sempre um mysterio entre a reflexão do homem e a sua fé, engolpha-se nos labyrinthos enredados de penosas cogitações.

É impossivel deixar de seguir com a anciedade de uma dôr viva, com a memoria de um sentimento doloroso, todas estas scenas de ignominia porque passou o Filho-do-Homem, nas scenas angustiosas do seu martyrio.

Instinctivamente, a imaginação apraz-se de recompôr, nas sombras da rasão attonita, todos esses lances da agonia do Christo; e a sua imagem grandiosa, abrindo os braços sobre o madeiro do opprobrio no cimo do Calvario, apparece-ncs sempre ao cabo de tanto meditar, como o Martyr sublime, que, nos paroxismos do sacrificio immenso, abria tambem os braços á humanidade para a resgatar da immensa culpa.

Religião de caridade e exemplo, de amor e humildade, de abnegação e esperança, attestada no triumpho de dezoito seculos, o seu legislador, quer aos olhos do philosopho, quer no sentir do homem de fé viva, quer nas maximas sinceras do moralista, quer nas previsões audaciosas da phantasia poetica, quer emfim nas ousadias de um racionalismo fatalista, não pôde deixar de ser considerado como a humanidade glorificada pela mais sancta e perfeita das doutrinas, que o sangue do Justo assellou, definiu, e perpetuou, como base moral para todas as gerações futuras.

III

E que suave e doce poesia nos não despertam n'alma todas as ceremonias d'esta semana, que nos aviva as scenas do tremendo drama cujas peripecias e desenlace eram já annunciados pelas ameaças dos prophetas!

No meio d'este solemnissimo espectaculo de desolação como que nos apparece sempre a figura grandiosa de Jeremias, que do alto das ruinas de Jerusalem despede as iras do Senhor sobre o povo judaico e lamenta as angustias por que os seus erros o farrão passar, errante e amaldiçoado, atravez dos secculos vindouros.

N'este momento, Sião, a graciôsa filha de Judá, inclina a fronte, e correm-lhe dois fios de lagrimas pelas faces, meditando nas suas desgraças.

A voz do sacerdote aviva mais todo este quadro de tristeza infinita, cantando na toada plangente e solemne que os Hebreus nos transmittiram, estas lamentações que parecem vencer o lapso dos seculos e tornarem-nos presentes e vivos os infortunios da rainha das nações.

«A filha de Sião perdeu toda a sua belleza.

«Os seus principes andam dispersos, como carneiros que não acham aprisco nem pasto.

«Os seus perseguidores escarnecem-nos e cospem-lhes motejos e irrisões, por que os vêem sem fortaleza.

«Lembrou-se Jerusalem dos dias da sua angustia e desobediencia, e de tudo que tivera de mais aprazivel nos dias antigos, antes que o seu povo caísse na mão inimiga, sem haver quem o soccorresse.

«Viram-na os seus adversarios e responderam com o desprezo á sua dôr.

«Commetteu Jerusalem grandes peccados, por isso ella ahi anda errante e vagabunda. Todos os que d'antes a glorificavam, a desprezam agora, porque viram a sua ignominia. A rainha das gentes, a filha de Judá retrocedeu e voltou gemendo.

«Os seus pés enterraram-se nas immundicies da prostituição; e não se recordou do seu fim e da sua perda! Caíu n'um extremo abatimento e na funda abjecção...

IV

Assim cantava o sacerdote, quando o interrompeu um grito abafado, surdido do mais escuro do templo. Um murmurio confuso turbou a solemnidade do logar e quebrou a intimidade das sanctas impressões, que cada fiel sentia verterem-lhe n'alma as phrases do propheta.

Quem fôra que soltára aquelle grito?

Seria acaso, ou seria que o anathema do unguido do Senhor fosse exacerbar alguma chaga, d'essas que vertem de continuo sangue, ainda mesmo debaixo das falsas apparencias da riqueza e da ostentação, e que tornam identicas tantas almas no penar acerbo de uma desventura?

O grito soltára-o uma mulher que ha muito permanecia immovel, ajoelhada de encontro a uma das pilastras, que se erguiam alvejando no seio da escuridão, como um rolo de fumo que fosse perder-se no escuro das abobadas.

Os mais proximos acercaram-se.

Arquejando nos anceios de uma dôr comprimida, a mulher havia desmaiado. Era de uma formosura que a pallidez realçava inundando-a de um attrativo meigo e suave. Um vestido de setim preto, guarnecido de rendas nos braços, no collo, e na saia, parecia envolvel-a n'uma ondulação de nuvens escuras que lhe dessem um aspecto phantastico. E esta côr negra do vestuario contribuia para fazer sobresair a alvura de marmore do rosto,

do peito e das mãos. O luto do trajo como que era completado pelo luto natural do cabello preto, que erguido n'uns apanhados singelos e elegantes, lhe emolduravam o semblante abatido. Á claridade amortecida dos brandões longinquos, que projectavam uma luz vaga e frouxa sobre as suas faces, viu-se que ella se reanimava. Entreabriu os olhos, e tentou balbuciar algumas palavras. A commoção que a agitava interiormente punha-lhe os labios n'um tremor convulso. Levou uma das mãos aos cabellos como tentando comprimir a desordem de seus pensamentos, e sustentou-se com a outra no angulo da base da pilastra. Depois ficou de joelhos.

Junto d'ella, uma pobre velha, com os olhos arrasados de lagrimas, lidava pela apertar nos braços de encontro ao seio, e como que mostrava querer-lhe esconder o rosto nas dobras do véo de rendas que lhe pendia da cabeça. De repente, abre de todo os olhos, encara a velha, e prorompe n'estas palavras, afogadas em soluços e lagrimas :

— Ó minha mãe!... fuja-mos d'aqui, que eu sou reprovada de Deus e dos homens!

— De Deus não, porque a sua misericordia é infinita, acode a velha, apertando-a ao seio.

— Mas porque ha de ser logo hoje, e n'este lugar, que eu a torne a ver, depois de tantos annos?

— Porque Deus assim o quiz.

— Mas fuja-mos, minha mãe, que a severidade d'este lugar parece-me ainda uma condemnação maior das minhas culpas. Fuja-mos!...

E a triste rapariga, ergnendo-se a custo, puxava pela velha para fóra do templo; e a pobre mãe, cingindo-a nos braços, seguia-a lavada em lagrimas.

As grandes dores são communicativas. Ha sempre um poder occulto que sanctifica a desgraça e lhe dá um aspecto solemne aos olhos do verdadeiro christão. A multidão que rodeava aquelle desditoso grupo não sabia a sua historia, não sabia porque motivo aquella filha estivera ausente tantos annos de sua mãe, e porque, ao vel-a, escondêra o rosto de encontro ás lages da velha cathedral, como se se reputasse indigna de a encarar, e soltára depois um grito de dôr e vergonha; não sabia tão pouco porque a sanctidade da casa de Deus e as palavras austeras do propheta lhe haviam accordado o remorso no fundo da alma; não sabia nada d'isto, mas viu ali uma grande desventura, e respeitou-a.

A filha, abraçada á mãe, atravessou duas alás de povo; e em mais de uma face correram as lagrimas da compaixão.

V

E que mulher estranha seria esta, que assim veio perturbar a solemnisação dos mysterios tremendos da Paixão?

E que historia singular seria a sua, que via um anathema nas ameaças de Jeremias, e uma censura na presença de sua mãe?

A mulher não era estranha, nem a sua historia singular: a mulher era uma d'essas muitas creaturas, que o acinte afrocisimo do destino parece haver formado pobres e ao mesmo tempo bellas para as collocar frente a frente com todas as tentações da seducção, da riqueza e do luxo, e depois as despenhar no fundo abysmo das abjecções humanas: e da mesma sorte a sua historia era a historia trivial de muitas outras.

Com a differença que, algumas mais felizes, abrigam a sua devassidão no respeito das jerarchias que a sociedade convencional inventa e considera; e outras atira-as a sorte á rua das amarguras para o primeiro adventicio lhes abrir na frente o rótulo ignominioso da prostituição.

Para aquellas, no excesso de suas contemplações hypocritas, encontram os homens os titulos da estima e os salões doirados da consideração publica. Se as motejam, é na sombra, e sem que esses motejos as vão appear nem um apice da sua alta posição social. Mas a estas, mais austeros que o Evangelho, que reabilitou a Magdalena, não lhes acceitam nem sequer o arrendimento!...

E a sociedade é isto!

J. M. D'ANDRADE FERREIRA.

SEXTO CASAMENTO

Não era poeta, nem imaginario, nem se quer romantico Bernardo Pires. Um anno, cinco, dez annos depois de casado, amava ainda, ou amava mais sua mulher.¹

Nunca pôde fazer-se senhora a irmã do barqueiro do Tamega. O que ella queria era trabalhar, moirejar, e dotar-se, para assim dizer, com os accrescentamentos que o seu genio economico ia dando á grande casa de seu marido.

Bernardo era assim feliz, e não se lhe dava que as fidalgas de riba-Douro dissessem, por mofa, que a vara e o remo deixaram nas mãos de Thereza umas excrecencias calosas que se não podiam apertar sem molestia.

Raros hospedes interrompiam o monotono contentamento d'aquella invejavel familia. E a natureza, sempre liberal para os que se saboream n'ella das alegrias modestas e duraveis — a natureza, synonymo de Providencia e Deus como a entende o auctor das «Harmonias» e de «Paulo e Virginia» — déra-lhes uma filha como para convencer-nos que ha felicidade perfeita n'este mundo, quando os prazeres, em que a buscamos, não custam desgosto a outrem, nem carecem de desculpar-se com a cegueira das paixões.

¹ Veja, no anterior numero, o QUINTO CASAMENTO.

Chamava-se Maria da Piedade a menina. Não parecia filha de Thereza, aos quatorze annos. Era o morbido e suavissimo molde da mulher, que vulgarmente denominamos «aristocrata» como se nas familias heraldicas nos não deparasse a natureza muita senhora troncha e repolhuda. O azulado das veias, a pequenez de mão e pé, a brevidade da cintura, o oval pallido do rosto, a placidez das palpebras, o rôxo-violeta que tingia um meio circulo por baixo dos olhos amortecidos, eram feições de todo avessas ás de Thereza.

Quando a menina, cansada de um curto passeio ao pomar da quinta, se encostava esmorecida ao braço do pae, a robusta mãe praguejava contra o chá que tornára sua filha um pelém. Outra zanga era o vel-a com livro na mão. Não queria, dizia ella, que sua filha puchasse *pe-las memorias*. Ora o livro unico de Maria da Piedade era o *Manual* do sr. Emilio Achilles de Monteverde, livro innocente, o mais innocente de quantos conheço, pela saudavel ignorancia em que deixa as educandas. No entender de D. Thereza o chá e o *Manual* haviam de dar cabo de sua filha, que até aos cinco annos fôra escarlate e roliça como um seraphim do altar-mór de aldeia. Rasões acertadamente contrapostas por Bernardo não desconveniam sua mulher do odio ao chá, que ella chamava tizana, e á leitura que abominava com a cordialidade de uma senhora legitimamente portugueza e sensata.

Aos quatorze annos, Maria da Piedade foi pretendida por muitos cavalheiros, como herdeira unica de uma grande casa. Sobresaiia entre estes um visconde de antiga linhagem, senhor de pequeno morgadio; e um tal Affonso Rodrigues filho de um capitão-mór d'além Tamega que fôra pedil-a com carta abonatoria do sr. Antonio da Mó, seu visinho, e como sabem, tio da menina.

Pendia Thereza para o filho do antigo capitão-mór, que, além de abastado, era lá visinho dos seus, e sabia de lavoura, e mostrava, com o orgulho de um rei Bamba, as mãos calejadas pelo arado. Optava Bernardo pelo visconde, cujos costumes se conformavam mais á indole de sua filha. Maria não escolhia nem rejeitava algum.

Apertava o sr. Affonso Rodrigues pelo remate do *dito arranjo*, como elle se expressava em repetidas cartas. Instava tambem o visconde, apertado pelos crédores — quando em Covas do Douro, residencia de Bernardo Pires appareceu um homem fatal para o sr. Affonso e para o visconde.

Era o meu amigo Thomaz d'Abreu este homem, revolucionario demagogo, que se aventurára na revolta d'Almeida, e fôra acutilado na serra do Marão, com um bando de patriotas, por um troço de cavallaria, representante dos bons principios.

Achou-se Abreu em Covas do Douro, por um d'esses caprichosos desvios que só conhece quem foge. Procurando um cirurgião que lhe

pensasse as feridas, estancadas com tiras de lenço, encontrou na rua Bernardo Pires, que o conduziu a sua casa, e o agasalhou com a dupla caridade de quem já fugiu á raiva dos políticos, e encontrou guarida e bem-fazer de estranhos.

Foi Abreu cuidadosamente tratado, e convalesceu.

Durante quinze dias, em que estivera de cama, não viu Maria da Piedade: sabia, apenas, que havia na casa uma menina, que todos os dias perguntava ao cirurgião pelo estado do enfermo.

Quando, porém, a viu, amou-a, e disse consigo o que dissera um imperador romano: «o amor não passa de uma convulsão.» Viu-o ella tambem, e, se o pae a não chama para apresental-a, fugiria. N'estas fugidas é frequente ficar o que devêra fugir primeiro que os olhos—o coração.

Era Abreu um gentil moço. Trinta annos teria então. Paixões conhecêra uma só: o patriotismo. Creio eu que se chama patriotismo a coisa. Apparecia Thomaz onde quer que o odio politico levedasse uma conspiração. Armava-se até aos dentes, batia-se com encarniçada bravura; matava, se podia, o adversario politico, de quem fôra condiscipulo, ou com quem jantára quinze dias antes: isto chama-se patriotismo, e d'esta paixão se fazem os Codros na Grecia, os Curcios e os Scevolas em Roma, e os regedores de parochia em Portugal.

Paixão fôra esta que não deixára na alma requemada de Abreu oasis onde verdejassem esperanças que não fossem ambições de ser secretario do governo civil da sua terra. Flor de affectos serenos e sympathias generosas nem só uma que lhe quebrasse o fadario negro da politica. Dé-se embora como coisa corrente que o homem a tudo se abalança, tudo cubiça e disputa para muito ser e valer aos olhos da mulher. Homens ha que não. Para Thomaz d'Abreu toda as mulheres eram Dalilas, e todos os namorados — raça degenerada dos antigos brios portuguezes, filhos descaroados que tripudiavam em volta da esteira da mãe-patria agonisante.

Thomaz teve medo de si, quando viu Maria. Sentiu dentro do peito o fremir surdo do volcão. Quiz fugir, e despediu-se. Pediu-lhe Bernardo que se detivesse até arrefecerem os odios politicos que se cevavam ainda pelo cacete, que é, nas capitaes das provincias, o precursor bemquisto das amnistias, quando não protesta contra ellas, depois de decretadas. D. Thereza tambem pediu que ficasse. Maria da Piedade relanceou-lhe um olhar em que não havia lagrimas, mas tão supplicante devia ser que Thomaz d'Abreu ficou. D. Thereza lembrava-se dos preludios do seu casamento, e muitas vezes disse a Bernardo:

«Queira Deus...»

Bernardo respondia:

«Thomaz, além de não pensar senão em revoluções, é um cavalheiro.

Elle já sabe que Maria está destinada, e ella não tem por ora vontade sua, nem sabe o que é amor.

O sr. Affonso Rodrigues, cansado de esperar uma resposta definitiva, foi a Covas, e brindou a noiva com um cabaz de trutas fritas. Bernardo, já resolvido por sua mulher a favor de Affonso, apresentou-o ao hospede como futuro genro. Maria estava presente, e ouvindo a final a condemnação do seu destino, fitou os olhos no chão, fez-se côr de cêra, estendeu o braço para encostar-se, e caiu sem sentidos.

No dia seguinte, Bernardo Pires saíu para o pomar com Thomaz d'Abreu, e disse-lhe com maneiras affectuosas:

—Eu não conheço o coração de minha filha. Interroguei-a; mas ha lá um segredo que não consigo tirar-lhe. Talvez que o senhor possa esclarecer-me, e responda-me por tanto, com sinceridade: V. S.^a é amado por minha filha?

—Nunca lhe dei occasião a ella de me fazer semelhante revellação. A filha do amigo que me recebeu em sua casa, a rica herdeira que pretendem os abastados, póde ser um anjo como ella, que eu nunca me erguerei diante dos seus pretendentes, e menos ainda diante da vontade de seus paes. Sou tão independente como pobre. Do meu orgulho não poderei cair nunca nos braços de uma mulher, ainda que ella possa cobrir-me com as suas azas de anjo.

Bernardo Pires não teve que redarguir a isto, que, de mais a mais, tinha estylo.

Na madrugada do dia seguinte, Thomaz d'Abreu escreveu uma carta ao dono da casa, collocou-a sobre a commoda do seu quarto e saíu a pé caminho de Villa Real, onde tinha parentes. A carta continha um protesto de eterna gratidão e o seguinte periodo:

«Não sacrifique sua filha. Se Deus lhe concedeu o thesouro de perolas, que pressa tem de o lançar ao porco que me apresentou como «seu genro? Terrivel amor de pae o que mata o coração de sua filha!... «Indulte-me d'este atrevimento, e adeus.»

Perguntei eu ao meu amigo a rasão d'esta carta, podendo elle despedir-se como se despede toda a gente. Respondeu-me o seguinte:

«Algumas horas antes de eu escrever a carta, seria uma hora da noite, ouvi passos no corredor contiguo ao meu quarto, e logo um cauteloso bater de porta, que me deu a intuição de um episodio romanesco. Abri a porta, e vi a mestra de costura de Maria. Era feia mais que o admissivel esta pessoa. Fez-se em mim de repente um Joseph da côrte de Pharaoh, e por pouco lhe não deixo além da capa, dois pares de piugas e duas camizas que tinha no quarto. Entrou a sr.^a Quitéria, e sentou-se na minha cadeira, limpando as lagrimas, que a levavam ao supino da fealdade.

«O senhor ha de desculpar... — disse ella balbuciante — faz-me tanta pena a pobre menina, que vim aqui...

Os soluços embargavam-lhe as palavras; e eu desvanecida a heidionda suspeita de uma aventura que me desacreditaria aos proprios olhos da minha vaidade, atalhei:

— Sei o que vem dizer-me. A Sr.^a Quiteria quer que eu falle ao pae da menina a respeito d'este desgraçado casamento, e o dissuada de forçar a pobre senhora a semelhante desgraça, não é isso?

«Não, senhor. Eu venho dizer-lhe que a menina morre de amores por V. S.^a Está sempre a chorar, desde que o viu, e diz que o senhor a não ama, porque nunca lhe diz uma palavra carinhosa, nem se importou hontem de a ver cair desmaiada.»

Quiteria fallou longo tempo, e acabou por me dizer que a menina está prompta a fugir comigo, se eu dêsse a minha palavra de a receber como esposa, o mais cedo que fosse possível.

Respondi que amava como nunca tinha amado a Sr.^a D. Maria da Piedade; mas que não me casaria com ella nem com outra, e muito menos o faria contra vontade de seus paes. Que entrára ferido n'aquella casa, recebêra paternaes cuidados do dono d'ella, e não queria sahir com o labeo da extrema infamia. Que o meu amor era e seria sempre escravo da razão, e que, em nome da razão, aconselhava á Sr.^a D. Maria que implorasse de seu pae a desistencia de tal casamento; e se esquecesse ella de um homem que não podia dar-lhe a felicidade sem primeiro esmagar a consciencia da honra, e o orgulho de a ter. E á Sr.^a Quiteria incumbi-lhe fallar esta linguagem á sua discipula — accrescentei.

Não sei se a mestra de Maria me entendeu. Saí, como vexada do máu exito da sua irreflectida piedade; e eu resolvi desde logo saír, como saí, por que me sentia fraquejar de animo, e a minha consciencia de honra não estava longe de transigir com o coração.

Com isto satisfez o meu amigo á minha curiosidade. Fiquei admirado.

Bernardo Pires lêra a carta de Thomaz d'Abreu, chamára a filha, e dissera-lhe:

«Está socegada menina. Não casarás com Affonso, nem casarás sem que o teu coração accite a vontade de teu pae. Em compensação da minha generosidade contigo, falla-me com franqueza: Amas Thomaz d'Abreu?

Maria tomou as mãos ambas do pae, e escondeu n'ellas o rosto, beijando-lhas e regando-lhas de lagrimas. D. Thereza assistiu a esta scena tocante, e chorou tambem.

No dia seguinte uma carta de Bernardo Pires procurava Thomaz em Villa Real.

A carta esteve muitos dias no correio sem que alguém a procurasse, até que o fidalgo do Douro soube que o seu hospede apenas se demorára algumas horas n'aquella villa, e saíra occultamente.

Decorreram dois annos. A revolução popular de 1846 rebentou no Minho. Thomaz d'Abreu lá estava, incitando a populaça a queimar os impressos do cadastro, e mereceu ser nomeado governador civil interino de um districto de Traz-os-montes. Veio a contra-revolução. Thomaz d'Abreu militou nas legiões do Porto, bateu-se em Torres-Vedras e Val-Passos, e consummiu os ultimos cartuchos em desesperada pejeja contra os hespanhoes que entraram por Valença do Minho.

Depois do convenio de Gramido, ficou no Porto, reorganizando a carbonaria, e armazenando armas para uma nova tentativa.

Uma noite estava elle no theatro de Camões. Alguns bandos de ceteiros tinham concorrido ali, sabendo que os Guedes da casa da Costa, briosos e valentes caudilhos das forças populares, tinham a petulante bravura de se não esconderem. Travou-se a desordem quando Thomaz d'Abreu entrava no portico do theatro. Os aggredidos resistiam ali como haviam resistido no campo. Abreu, perseguido por tres punbaes, e defendendo-se com um estoque, recuava no corredor dos camarotes de primeira ordem, quando um braço robusto, travando do d'elle, o fez entrar n'um camarote. Os sicarios retrocederam, e Abreu viu a pessoa que o salvára: era Bernardo Pires. Ouviu um ai de afflicção: era Maria da Piedade, que desmaiára nos braços de sua mãe.

«Desmaiada ou morta?!» podéra elle dizer vendo-a tão outra do que fôra a pobre menina!

O anjo da morte beijára as faces de Maria, e no alvor onde pou-sára os labios, deixára como signal duas manchas escarlates.

—Já a não conhece?—disse Bernardo Pires—Matou esta creança sr. Abreu, mas não o culpo; matou-a involuntariamente. Agora nem para si, nem para nós.

Maria da Piedade, recobrando o alento, saiu do camarote, entrou na carroagem, sentiu o apoio da mão de Thomaz quando subia, e chorou.

N'essa mesma noite, Bernardo Pires procurou no seu hotel o meu amigo, e disse-lhe:

«Não se casa por commiserção. A generosidade, que move um homem a adjudicar a uma mulher doente a sua vida, deve ser muitas vezes ferida pelo arrependimento. No entanto, saiba que Maria, ao cabo de dois annos de uma paixão superior a tudo que um pae inventa para salvar sua filha unica, morre, e morre amando-o. Já lhe disse que o não culpo, senhor. Admiro a sua probidade, mas admiro muito mais a frieza do seu coração. Não teve de parte alguma um carta em que me fallasse de si; escrevi-lhe ao acaso para Lisboa; não me respondeu.

—Eu não vivi em Lisboa. Estive em Inglaterra dois annos, cum-

prindo uma commissão politica. Voltei, quando era forçoso obedecer á minha paixão fatal. Recebi de V. Ex.^a uma carta em * * *, onde estava governador civil. Apenas me disse que sua filha estava doente, e ariscada. Doeu-me a infausta nova; mas a vaidade não me arguiu de verdugo d'ella. Aqui me tem, sr. Pires, pedindo-lhe Maria da Piedade. Agora peço-lh'a porque não ha paixão alguma que m'a dispute ao coração. Morreu-me a fé nos principios, e nos homens. Não ha quem salve Portugal. Invergonho-me de ser portuguez, e falta-me a coragem de Bruto n'esta cafraria de negros sem honra nem alma. Agora sou senhor de mim; peço-lhe sua filha, e prometto salv-a, salv-a para a felicidade de nós ambos, d'esta familia no seio da qual o meu talher não será oneroso para V. Ex.^a, nem vilipendioso para mim.

Prometto salv-a — disse elle!...

E salvou-a!

Em 1858 a vi eu a banhos de mar em S. João da Foz do Douro. Dos taes beijos do anjo da morte nem signal! O anjo da vida é que viera accrescentar á de Maria tres existencias, tres lindas meninas, robustas, como as meninas dos noticiarios do jornalismo do Porto, muito parecidas com sua avó, virtuosa e ditosa senhora para quem o céo é inexgotavel de contentamentos.

Sirva este casamento de conforto e esperanza ás meninas tysicas, e de aviso aos paes, e de estudo aos redactores da *Gazeta Medica*.

C. CASTELLO BRANCO.

MARCELLINA LOTTI

Se o amor tivesse voz, ... era *soprano*!

O *contralto* está sendo para a musica, o que a *mulher de trinta annos* foi para a litteratura—uma questão de moda!

A humanidade teve uma hora em que se sentiu enfastiada das ternuras do amor; Raphael tinha pintado tantas virgens, Shakspeare creára tal abundancia d'ellas, e Lamartine estava-as cantando tanto, que o talento humano entendeu ser tempo de nos mostrar as *Fædoras* e as *Indianas*, não se limitando a descrevel-as nos romances, senão a pôl-as em acção nos dramas e fazel-as cantar nas operas! Ora, a litteratura descobrindo ou antes inventando a *mulher de trinta annos*, a *mulher de trinta annos* tinha inevitavelmente de inventar ou descobrir o *contralto*, porque *Lucrecia Borgia* ou *Lelia* não podiam ser *sopranos* com boa verosimilhança lyrica!

Ha bem pouco tempo ainda, todos nós vimos *Medéa* sobre o palco. *Medéa*, a allucinada infanticida! *Medéa* cuja voz imprecativa e audaz, cujo olhar violento e sanguinario collocam aquelle galanteador *Jason* n'uma situação moral extremamente proxima do medo, tão vehementes são as apostrophes com que a repudiada esposa accommette a tranquillidade d'este marido, que principiava a apreciar as vantagens do divorcio! Pois bem! Ahi a tendes barbara, deshumana, inexhoravel, ferina... Fazei-a cantar de *soprano*, se julgaes possivel!

Digam-me que é um capricho d'arte; uma phantasia de dille-



Souza
M. arullina
Lotti della Santa

Stamato nel...



tanti, o enthusiasmo pelas notas graves de uma voz de mulher, — que me produzem o effeito austero e frio de uma ode da Sapho, *mascula Sapho*, como lhe chama Horacio, a especial e excentrica poetisa a quem o amor não teve nunca o poder de irradiar o estro!

No principio d'este seculo ainda não se incumbiam no theatro os papeis de rainha, senão a uma figura bizarra e guapa. Podia uma actriz possuir o melhór talento do mundo e ser de um genero perfeitamente adaptado á indole da personagem historica da peça; — se não tivesse sessenta pollegadas de altura; ostentando o donnaire e galhardia de uma creatura nedia, erguida, e magestosa, ... do Ceu lhe viesse o remedio! tinha irremissivelmente de passar ao logar de aia, e ceder o papel a alguma actriz embora inferior em merito mas de *boa marca!*

Porque não será então de igual processo, a applicação das partes lyricas ao character dos personagens do *libretto*? A experiencia demonstrando, de mais a mais! que os contraltos são quasi sempre górdos, cumpre ao *maestro* evitar com prudencia esta eventualidade, não expondo a Violeta da *Traviata*, a achar-se methamorphoseada... em dhalia, ou a pallida e soffredora phisionomia de Julieta a tomar as proporções obessas de uma burgueza feliz!

Nem as notas varonis e energicas do *contralto* podem casar-se com o dôce perfume de meiguice que o canto de uma namorada vem exhalar nas almas, quando é a suavidade, a fraqueza, a humildade affectuosa de Julieta ou de Desdémona o segredo eterno das graças da mulher!

Marcellina Lotti é uma das raras creaturas, cuja vocação e destinos se revellam na phisionomia tanto como no talento! Toda ella respira a *prima donna*, — na figura e na voz! E, direi mais ao contemplar a doçura angelica do seu rosto, a delicadeza esvelta das suas fórmas, o olhar mavioso que parece ser o espelho da sua alma, adivinha-se a sensibilidade, a paixão, a meiguice infinita da mulher, — o *soprano* emfim! Dir-se-hia uma creação do poeta, um d'esses typos formados de vapor, de perfume e de luz, cujo corpo é já uma alma por si mesmo!

Ella nasceu em Mantua, em Setembro de 1833. Ficando orfã aos dez annos, uma das principaes familias de Mantua, a familia Antoldi, cuidou da sua educação. Como eram *dilletanti*, instruíram-a na musica, e quando chegou á edade de quinze annos lembraram-se de a casar, na idéa de a affastarem do theatro para onde a sua inspiração parecia attrail-a já. Todavia ella não amava o homem que lhe offereciam para noivo, e, preferindo sacrificar-se a Deus, recolheu-se a um convento!

Mezes depois, como lhe houvessem prohibido o canto, para combater o seu amor pela arte, os medicos disseram que a paixão da musica terminaria por matal-a, e a familia Antoldi enviou-a a Milão para casa dos irmãos do seu tutor.

Uma vez, esta familia sendo convidada a uma *soirée* musical, levou-a em sua companhia. Pediu-se-lhe para cantar. Então, aquella voz magnifica, tão opulenta de encanto como de energia, produziu um largo enthusiasmo, e lastimou-se que um tão bello talento tivesse de ficar encoberto na penumbra de uma cella!

No dia seguinte teve Marcellina Lotti um piano!

Os mestres affluiram então de toda a parte, para terem as primicias de uma gloria que se annunciava tão auspiciosa e promettedora! Mazzucato foi o preferido, e depois de alguns mezes de lições Marcellina Lotti estreava-se em Constantinopla no *Roberto do Diabo*, cantando em seguida *I Lombardi*, *Attila*, *Mozé* e *Foscari!*...

A impressão que produziu no publico devia ser profunda. Ella estava então em todo o viço da idade e da belleza. Acabava de ser Odabella na *Atilla*, e era preciso alargar-lhe os vestidos por ainda estar a crescer! Tinha desoito annos! Edade loira da vida em que a natureza sabe ter voz para nos fallar á alma, em que os diversos sons da criação se reúnem n'uma inspirada e opulenta harmonia, e o vento que geme, a ave que canta, ou as ondas que suspiram parecem erguer-nos o hymno da esperanza e do amor!

Desde essa época, a carreira artistica da elegante *prima-donna* tem sido uma sequencia de triumphos nos theatros de Milão, Genova, Roma, Florença, Verona, Palermo, Parma, Bergamo, Udine, Ravenna, Vicenza, Rimini na grande época da abertura do theatro lyrico para onde Verdi destinou o *Aroldo*, Vienna, Londres, S. Petersbergourg durante quatro annos, e Lisboa agora!

Entre nós, a Lotti tem tido o que se chama um triumpho de estima; não os applausos ruidosos da *claque* e das *cóteries*, mas o acolhimento sincero de um publico que se seduz por esta voz pura e vibrante, cujo encanto se auxilia da poesia do estylo e das graças da cantora!

E quando o publico a epplauda espontaneo e entusiasta, vê-se sorrir o prazer n'aquella physionomia candida e pallida! e ella o idolo de uma noite, a creatura feliz de algumas horas, não se lembra então de certo dos idolos que a precederam, dos idolos que hão de segui-la! não se lembra de si propria talvez, existen-

cia excepcional que se adorna de diamantes e perfumes, que passa entre melodias e applausos, mas que não tem o direito de se demorar nem mesmo nos sitios em que fôr amada!

Ah! N'estas existencias prestigiosas, deve ser difficil, exasperada, pungente, a despedida da gloria! dos triumphos! das flores! quando a idade se interpozer austera á marcha radiante das victorias da artista! Eu comprehendo-as e absolvo-as então; quando, como a Grisi, ao sentirem cair as perolas da sua corôa, ao verem apagar-se os raios da sua aureola, compromettem por um phrenesim febril todas as glórias do seu nome n'um inevitavel e procurado *fiasco*, semelhantes a uma velha *coquette* que affronte o tempo e o ridiculo enfeitando-se ainda nas suas horas de moribunda!

Mas, a Lotti está por em quanto em todo o frescor da vida e do talento, e possui a melhor das condições da arte,—saber agradar!... porque, como artista e como pessoa, o que ella é admiravelmente, o que ella é principalmente,—é o typo da creatura *sympathica*!

E se nos lembrarmos qua importancia tem sempre para os destinos de uma artista a *cólerie* do partido rival, cuja *arte de guerra* tem por preceito aggreddir apenas as reputações merecidas que lhe façam sombra, reconheceremos que o principal triumpho da Lotti durante esta época não consiste tanto em haver sido applaudida pelo seu merecimento, como em o ter sido... *apesar do seu merecimento!*

JULIO CESAR MACHADO.

EXCERPTO DE UMA TRADUCCÃO COMPLETA

DOS

FASTOS DE OVIDIO

LIVRO IV

HERCULES E OMPHALE

Ha inda outra rasão, rasão sem contra,
porque Fauno aborrece as vestiduras,
não as quer, não as soffre em seus ministros;
ora ouvi, que tem saí o antigo conto.

Ia uma vez passando o heroe Tirinthio
co'a sua namorada, quando Fauno
lá do viso de um monte onde então era,
os avistou, ardeu; ardeu qual nunca.
(Tem coriscos amor, vibrou-lhe um d'elles).

— «Adeus — exclama em si — «de vós me aparto,
«e é para sempre, montesinhas deusas;
«aquella que alem vai, me leva esta alma.»—

E certo que era incanto o vêr tal moça,
lidia flôr, e rainha até nas graças!:
comas lustrosas perfumadas soltas!
collo, espalda, hombros nus! alvor que cega!
de auri-purpureas magestosas roupas
turgido seio a traspordar delicias!
contra o fogo do sol lhe fôrma escudo
leva umbrella doirada em mão d'Alcides.

Já lá baixa o crepusculo da noite,
 quando aos Tmoleos vinhaes, selva de Baccho,
 chega o formoso par, e encontra albergue,
 que a ponto lh'o depara a natureza,
 'num antro á industria d'ella só devido :
 leves tufacios, esponjas pomices,
 artezoada abobada lhe imbrecham ;
 palmeiro arroio, que do umbral lhe mana
 com brando murmurinho o somno invida.

Em quanto a lauta ceia, os nobres vinhos,
 vão trazendo, vão pondo activos servos,
 Omphale (phantazias namoradas
 de dama, e de mimosa !) entra em cubiça.
 de ver em seu amante o seu retrato :
 dá-lhe a delgada tunica purpurea ;
 dá-lhe o listão subtil, que a cinta aperta.
 Mas no subtil listão não cabe o ventre ;
 mas da purpurea tunica não podem
 as vastas mãos surdir, sem que a rebentem ;
 a pulseira no rijo braço estala-lhe,
 nas prisões do calçado as plantas gemem-lhe.

¿ E ella em tanto ? Ella impunha a bruta clava ;
 a pelle inverga do leão felpudo,
 e escolhendo entre as frechas as menores
 com essas o carcaz pendura á cinta.
 Assim se vão á ceia e d'ella ás camas,
 que inda que a par, são duas esta noite ;
 porque ? ! porque hão votado ao deus das uvas
 para em rompendo a aurora um sacrificio,
 que só castas mãos póde ofertar-se.

Meia noite. Oh ! de amor audacia estranha !
 Fauno, co'o o véo das trevas incoberto
 manso e manso lá vem... lá chega ao antro ;
 pára ; escuta ; vigia ; os servos... dormem,
 vinosos pelo portico estirados.
 — «Parabens ! fausto agoiro ! — em si discorre —
 «ambos dormem tambem ; triumpho ! é miuha !» —

Assim cuidando o temerario adultero
 entra, pé ante pé ; co'os braços longos

vai e vem tenteando a escuridade ;
 á suspirada alcova emfim já chega !
 topou logo com leito !... auspicio fausto !
 vai ser, vai ser feliz ! mas ai ! c'o dedo
 roçou felpa leonina ! as mãos recolhe,
 e recua de horror, que ahí jaz Alcides !
 tal ao topar com repentina serpe
 treme o viandante, se retrae, vacilla.

Passa ao leito visinho ; apalpa as roupas ;
 estas, sim, que são leves, são macias !
 co'a suave illusão resurge o fogo.
 Sustendo o respirar tumultuario,
 sóbe mansinho ao leito ; a pouco e pouco
 se estende ; já da cama occupa a margem ;
 arfa-lhe a sensual concupiscencia
 com tumidez tão rispida, que as pontas,
 que lhe adornam a frente, a não igualam.

Com subtil dextra á tunica mimosa
 procura, inçontra a barra ; aos pés a furta,
 vai-a erguendo... que assombro ! as que sonhára
 de lizo jaspe morbidas columnas
 são grossos troncos de musgosa felpa !
 ía ávante... ía a mais... quando o Tirinthio,
 vibrando estremunhado um cotovello,
 o repulsa violento, o prega em terra.
 Ao subito fragor desperta a dama ;
 grita sobresaltada — « Servas luzes ! » —
 o aposento se aclara, e ve-se a obra.

Alquebrado do tombo o pobre amante
 lá se ergue, como póde, entre gemidos.
 Quantos no chão a estrabuchar o hão visto,
 não se podem conter, que não desfechem
 em longa estrepitosa cachinada.
 Ri Hercules ; a flux as servas riem ;
 até ri, ri talvez mais de que os outros,
 a Meonia gentil presenceando
 que influxos tem n'um Fauno incantos d'ella.
 Já vêdes porque illuso de vestidos,
 por tal arte os detesta o deus bicornio,
 que só ministros nús admitte ás festas.

A. F. DE CASTILHO.

O CONCILIO INFERNAL.

(FRAGMENTO DE UMA TRADUCCÃO DA JERUSALEM LIBERTADA DE TORQUATO TASSO)

CANTO 4.º

I

Entretanto o inimigo dos humanos
Contra os christãos os torvos olhos vira,
E vendo-os nos trabalhos tão ufanos,
Com que Sião em breve succumbira,
Cogitando raivoso feros damnos,
Os labios morde incendiado em ira,
E, como touro que ferido brama,
Entre suspiros sua dôr derrama.

II

Voltando pois inteiro o pensamento
Para aos christãos mover fatal ruina,
Unir seu povo (infando ajuntamento)
Dentro do regio paço determina:
Nem que fôra pequeno atrevimento
Resistir á vontade alta e divina!
Louco! ao céu egualar-se! não lembrado
De como pune o braço eterno irado.

III

Sôa a tartarea trompa, das eternas
 Sombras os moradores convocando,
 Tremem as fundas horridas cavernas,
 Ao som responde o ar negro ribombando.
 Não baixa assim das regiões supernas
 O coruscante raio trovejando,
 Nem assim abalada treme a terra,
 Quando o vapor em si gravida encerra.

IV

Às grandes portas juntos concorrendo
 Vão os deuses do abysmo em continente.
 Que estranhas fórmas e que aspecto horrendo!
 Seus olhos dizem morte e horror sómente!
 De ánimaes alguns d'elles pés havendo,
 Têem de cobras c'roada humana frente,
 E longa, immensa cauda, a qual enrolam
 À maneira de açoite e desenrolam.

V

Aqui Centauros, Gorgonas verias,
 Muitas Scillas ladrando, Sfinges feras,
 Pitões a sibilar, sujas harpias,
 E negras chammias vomitar Chymeras;
 De ver os Polifemos sentirias
 Horror, e medo aos Geriões houveras;
 E outros monstros de insolita figura,
 Varios na especie, em hybrida mistura.

VI

Divididos á esquerda e á direita
 Do cruel rei assentam-se diante.
 Plutão no meio tem na mão afeita
 Ao mando o grave sceptro rutilante.
 Rochedo alpestre o qual o mar respeita,
 O Calpe levantado, o grande Atlante
 São junto d'elle apenas pobre outeiro;
 Tanto a armada cabeça ergue altaneiro.

VII

Horrida magestade o aspecto feio
Lhe torna mais medonho e suberboso ;
O olhar sanguineo de veneno cheio,
Cometa infausto, esplende vaporoso ;
Cobre-lhe o queixo mais o hirsuto seio
Longa barba, pello asp'ro e asqueroso,
E, á similhaça de voragem funda,
Sua boca se abre de atro sangue immunda.

VIII

Como o fumo sulfureo que inflammado
Do Etna sáe com fetido e estampido,
Tal exhala sua boca o empestado
Cheiro com fumo e fogo confundido.
Em quanto elle fallou jazeu calado
Cerbéro, e a Hydra emmudeceu, sustido
O Cocito parou, e o abysmo infindo
Tremeu a sua voz troar ouvindo.

XI

Tartareos numes, cujo digno assento
No céo, onde nascestes, ser 'devia,
A quem comigo o grão commettimento
N'esta lançou estancia d'agonia,
Bem conhecido é o nosso atrevimento,
E antiga suspeita, e a tyrannia
D'aquelle por quem já vencido fomos.
E elle hoje é rei, e nós rebelde somos!

X

E em vez do dia celestial e puro,
Do aureo sol é estelliferos fulgores,
Fechou-nos n'este abysmo fundo e escuro
Sem podermos as honras ant'riores
Cobrar, e, (ai! lebral-o quanto é duro!
Eis o que os males meus torna maiores)
Até ao bello empyreo ha conduzido
O homem vil de vil terra produzido.

XI

Nem bastou isto, mas o filho á morte
 Deu, por nos fazer mal; este o mysterio
 Do Orco, e as suas portas quebrou forte,
 E altivo penetrou em nosso imperio,
 Tirando as almas nossas pela sorte
 E com ellas subindo ao céo sidereo,
 Onde a bandeira do vencido inferno
 Desenrolou, como em escarneo eterno.

XII

Mas porque avivo a minha dôr fallando?
 Quem o que nós soffremos não conhece?
 Em que logar aconteceu|ou quando
 Que elle as suas emprezas suspendesse?
 As offensas passadas olvidando,
 Lembremos a que é d'hoje e não se esquece.
 Ah! não vedes como ora ao embusteiro
 Culto o seu chamar tenta o mundo inteiro?

XIII

E nós na inercia os dias passaremos
 Sem que brioso fogo nos accenda,
 E que se fortaleça soffreremos
 N'Asia o seu povo e que a Judéa renda?
 Crescer a sua honra deixaremos,
 E que seu nome se dilate e estenda?
 Que seja em novos bronzes esculpido,
 E em mais lingoas e cantos repetido?

XIV

Que nossos id'los caíam derrubados?
 Que á sua fé quem nos segue se converta?
 Que lhe sejam os votos consagrados,
 E o incenso, e o ouro, e a myrrha offerta?
 Que dos templos sejamos expulsados
 Aonde sempre houvemos porta aberta?
 Que nos falte das almas o tributo,
 E habite vosso rei um ermo bruto?

XV

Porém não; que inda em nós não se extinguiu
Esse espirito forte è brio antigo
Que de ferro e de fogo nos cingio
Para atacar o céu, nosso inimigo.
Se então tamanho esforço succumbio,
Foi o valor do grande empenho amigo.
Ficou aos mais felizes a victoria,
E a nós do nosso invicto arrojo a gloria.

XVI

Mas porque vos demoro, ó companheiros
Fieis, ó meu poder e fortaleza?
Ide, e opprimi os perfidos guerreiros
Em quanto elles não ganham mais grandeza;
A chamma que erguem suffocae ligeiros,
Se não d'ella a Judéa será preza;
Ide, e empregae em seu extremo damno
Umaz vezes a força, outras o engano.

XVII

Assim se cumpra uns que errem dispersos
Por varias partes, outros que pereçam,
E que outros em amor lascivo immersos
Por um olhar e um riso tudo esqueçam;
Travem dos ferros entre si adversos
Contra o seu capitão, nem lhe obedeçam;
Do exercito vestigio algum não fique,
O qual sua existencia testifique.

XVIII

Os rebeldes nem mesmo consentiram
Que seu chefe acabasse, mas voando
Das fundas trevas para a luz saíram,
Das estrellas o brilho procurando.
Taes as procellas rábidas se viram,
As grutas naturaes abandonando,
Muitas vezes toldar o céu, e a guerra
Sobre os mares lançar e sobre a terra.

J. RAMOS COELHO.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

IV

Ponhamos de parte, por em quanto, essa profecia, talvez para muitos temeraria, que nos mostra ao longe, na fixação da materia gazosa que constitue a atmospherá da terra, o termo da vida actual, e voltemos a nossa attenção para um ponto altamente interessante da historia do oxigenio, que trago começada dos artigos antecedentes.

Estando a nossa existencia e bem estar subordinados áquelle notavel principio, devo esperar, que tudo, quanto a elle se refere, tenda a despertar a curiosidade dos meus leitores, e por isso não hesito na exposição das particularidades que são necessarias para bem comprehender as relações dos seres vivos com o oxigenio.

Desde que a sciencia descobriu este corpo, desde que Lavoisier demonstrou a sua importancia na physica do globo, e principalmente no que se refere á vida dos vegetaes e dos animaes, todos os chymicos e todos os physiologos o consideram como elemento essencialmente vital e necessario para o exercicio das funcções capitaes do organismo.

A experiencia e a observação mostram que a vida actual não é possível fóra da acção do oxigenio. Mas até ha poucos annos era elle para os chymicos um corpo unico, sempre identico, semelhante a si mesmo em quaesquer circumstancias em que se achasse livre, inalteravel e indestructivel, guardando constantemente a mesma energia, as mesmas propensões e as mesmas affinidades, comtanto que as condições ou circumstancias exteriores fossem as mesmas.

É esta a idéa que ainda geralmente se concebe de todos os corpos elementares.

Hoje a sciencia já não pôde deixar de admittir a variação nas propriedades essenciaes de um mesmo corpo elementar, variação que todavia não affecta a sua natureza chymica.

Mostra a experiencia que o oxigenio, que soffreu descargas ou esteve exposto á acção de correntes electricas, adquiriu uma energia chymica, um poder oxidante superior áquelle de que dispõe o oxigenio naturalmente livre, como é o da atmospherica, ou o que se obtem pelos processos usuaes dos nossos laboratorios, e isto a ponto de parecer um corpo diverso, e tanto assim que muito se disputou sobre a identidade da sua natureza.

As acções que exerce o oxigenio electrizado, são muito diversas, das que pôde exercer o oxigenio que chamaremos ordinario, e contudo não há entre ambos maior differença do que aquella que se pôde notar entre um homem acordado e o mesmo homem dormindo, ou antes entre um individuo no seu estado normal e tranquillo, e o mesmo individuo anormalmente exaltado e excitado por uma exposição excepcional do seu espirito.

Comparemos as qualidades que o oxigenio ordinario ou normal e o oxigenio electrizado manifestam á temperatura ordinaria de 15°.

O primeiro é um gaz inodoro e insipido.

O segundo apresenta aquelle cheiro que se sente no momento em que a electricidade atmospherica se descarrega proximo de nós, e manifesta um sabor analogo ao da lagosta.

O primeiro não exerce acção alguma sobre a côr azul da ursula. O segundo descôra rapidamente esta materia.

O primeiro não oxida ou não queima a prata; o segundo oxida facilmente aquelle metal.

O primeiro não exerce acção alguma sobre um composto de iodo e potassio a que chamamos iodureto de potassio e que hoje se emprega em medicina; o segundo decompõe este corpo, libertando o iodo.

O primeiro não manifesta acção alguma sobre o acido chlorhydrico, composto de hydrogenio e chloro, e que vulgarmete se chama acido muriatico; o segundo decompõe este acido, pondo o chloro em liberdade.

O primeiro é temperatura ordinaria da atmospherica, é agente moderado de oxidação; o segundo nas mesmas condições é oxidante energico.

O primeiro é estavel a todas as temperaturas; o segundo, sendo estavel a 15°, perde as suas qualidades excepcionaes a 75° e converte-se no primeiro.

Á vista d'esta longa comparação é bem clara a differença de energia entre os dois estados do mesmo corpo.

O primeiro é o oxigenio tranquillo e no seu estado normal; o segundo é o oxigenio vehemente e excitado pela acção electrica. A este dão actualmente os physicos e os chymicos o nome de *ozone*, nome que lhe foi imposto pelo sr. Schœnbein, professor em Bâle, que foi o primeiro que chamou a attenção dos sabios sobre este corpo.

Por muito curiosa e interessante que seja a historia do descobrimento do ozone, abster-me-hei de a expôr extensamente n'este logar, para não ser demasiado prolixo e pelo natural receio de fatigar a attenção dos meus leitores. Serei portanto, n'este ponto breve e resumido.

O dr. Schœnbein, fazendo experiencias sobre a decomposição da agua pela pilha, foi impressionado pelo cheiro particular que se produzia n'aquelle phenomeno, e que fazia recordar o que se manifesta, quando a electricidade ordinaria pãssa em faiscas atravez do ar. Suppoz então que este cheiro era devido a um corpo particular da mesma natureza do chloro, e deu-lhe o nome de *ozone*, do participio presente do verbo grego que se traduz, *eu sinto*. Isto acontecia em Bâle de 1839 a 1840.

Já no fim do 18.º seculo Van Marum tinha observado que o oxigenio, sujeito dentro de um tubo de vidro á pãssagem successiva de muitas faiscas electricas, adquiria o cheiro da materia electrica, mas esta observação não havia produzido resultado algum.

O dr. Schœnbein despertou a attenção dos sabios com as suas memorias e experiencias a este respeito. Procurou-se o ozone na atmosphera, investigou-se a sua natureza, inventaram-se meios para a sua producção artificial, estudaram-se as suas acções especiaes sobre a natureza morta e sobre a natureza viva, e a cada novo trabalho, a cada observação nova, foi crescendo a importancia do ozone na chymica, na meteorologia, na physiologia vegetal e animal e na medicina.

Berselius, nos ultimos annos da sua gloriosa existencia, ainda se occupou d'este objecto: Liebig, de la Rive, Marignac, Osann Villiamson, Fremy, Becquerel, Baumertz, Marchant, Langlois, Wolff, Ruselhuber, Bœchel, Scouteten e outros ainda, chymicos, physicos, meteorologos, physiologos e medicos contribuiram poderosamente, e continuam a trabalhar para esclarecer a historia do ozone.

De tudo quanto se tem observado e experimentado sobre a natureza d'este corpo se conclue logo indubitavelmente que o ozone é o oxigenio modificado ou excitado nas suas faculdades activas pela electricidade; e isto o oxigenio no qual se tem accumulado uma quantidade mais consideravel de força chymica.

Este facto não é unico na sciencia: ahi temos nós o chloro, que depois de haver sido exposto por muito tempo aos raios directos do sol, ou *insolado*, como dizem os chymicos, adquire mais poderosa energia e produz effeitos que não pôde produzir o chloro não insolado.

O phosphoro, depois de supportar por algum tempo uma temperatura elevada, fóra do contacto do ar, soffre profunda modificação nas suas propriedades essenciaes, sem prejuizo da sua natureza chymica. De ser muito combustivel e inflammavel, a ponto de não poder estar impunemente em contacto com o ar, torna-se pouco combustivel e requer para se queimar uma temperatura mais alta; de ser venenoso, passa a ser innocente; de ser crystallisavel, claro e transluzido, torna-se amorpho ou incrySTALLISAVEL, e apparece escuro e opaco. É o que hoje chamamos phosphoro amorpho, e que, pela sua innocuidade, se recomenda para a fabricação das mechas phosphoricas.

Berselius que reconheceu já a capacidade que os corpos elementares tinham para assumir estas modificações, que não alteram a natureza chymica da materia, mas só lhe conferem mais ou menos energia de acção, designou estes estados diversos pelo nome de *alotropia*.

O ozone, ou o oxigenio electrizado, produz-se natural e artificialmente por meios physicos e chymicos.

Na atmospherá a passagem do fogo electrico ozonisa uma porção do seu oxigenio; á superficie da terra grande numero de acções chymicas produz naturalmente o mesmo effeito.

Na evaporação da immensa quantidade d'agua, que cobre uma grande parte do globo, o oxigenio do ar, que n'ella estava dissolvido, se liberta, e entra electrizado para a atmospherá. Assim o ar, que repousa sobre os mares e grandes lagos, contém mais ozone que outro qualquer. As plantas durante o dia emittem á superficie das suas folhas o oxigenio, e este vem electrizado, é o ozone. Este facto nos explica a razão porque branqueam tão facilmente os pannos crús, que se expõe humidos sobre a relva á acção da luz.

Artificialmente tambem nós podemos produzir o ozone pelos meios physicos ou chymicos. Se atravez de uma porção de ar ou de oxigenio puro, contido n'um tubo de vidro, fizermos passar repetidas vezes a faisca electrica, manifestar-se-ha o ozone. O oxigenio, que se obtem decompondo a agua pela pilha de Volta, comtanto que os pólos sejam constituídos por metaes pouco oxidaveis, como são a platina, o ouro, ou a prata, apparece tambem electrizado. O oxigenio que se produz decompondo o bioxido de borio pelos ácidos a uma temperatura baixa, é o ozone. O processo mais facil e mais generalizado para obter o ozone pelos meios chymicos, consiste em expôr um grande volume de ar, á acção do phosphoro em presença da agua á temperatura ordinaria e debaixo da pressão ordinaria e normal da atmospherá.

É facil reconhecer a presença do ozone no ar ou em qualquer mistura gazosa em que elle exista. O meio empregado em meteorologia para verificar a sua existencia na atmospherá, e avaliar approximadamente a sua quantidade relativa é o mais singelo que é possivel, e

funda-se na propriedade que elle tem de decompor o iodureto de potassio, libertando o iodo. O iodo é um corpo que, estando livre, tingê de azul a gomma do amidon, mais ou menos intensamente, conforme a sua quantidade é maior ou menor. Servem-se os observadores em meteorologia de umas tiras de papel, a que chamam ozonometrico, e que não é mais do que o papel que foi banhado n'uma dissolução contendo, por 100 partes d'agua pura, 10 de amidon, e 1 de iodoreto de potassio. Estas tiras de papel, sendo expostas ao ar, se este contem o ozone, mudam de aspecto passado pouco tempo, e mostram a quantidade relativa do ozone, pela côr mais ou menos intensa que apresentam, desde o côr de rosa até ao roxo quasi negro. Os numeros, desde 0 até 10, de que os observadores se servem para designar a quantidade do ozone observado, correspondem a 10 gradações distinctas de coloração que denominam escala ozonometrica.

Os physicos procuram descobrir as relações que necessariamente devem existir entre as quantidades do ozone, que se manifestam na atmosphaera, e os diversos phenomenos meteorologicos, por que essas relações devem ser de maxima importancia para a explicação de muitos factos interessantes da physica e do globo, principalmente d'aquelles que dizem respeito á vida dos seres organisados. Com este intuito todos os observatorios meteorologicos registam regularmente o estado ozonometrico do ar, e os medicos procuram com avidéz descobrir as relações ainda occultas d'este estado com a manifestação, augmento e decadencia das mais graves epidemias.

Até hoje reina a maior incerteza sobre as verdadeiras relações do ozone com os phenomenos meteorologicos e ainda maior é a incerteza no que respeita á sua influencia sobre as doenças epidemicas. Comtudo nem os physicos nem os medicos devem desamparar este campo tão vasto de observação porque as verdades mais uteis á sciencia e á humanidade só se alcançam com fadiga e perseverança.

*Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.*

Todavia do grande numero de factos observados se colhem já certas conclusões geraes que não podem ser consideradas como inteiramente destituídas de interesse, e que, senão auctorisam completamente o estabelecimento de certas theorias novas em prèjuizo das antigas, abalam a fé que estas cegamente inspiravam, e despertam nos espiritos rigorosos a necessidade do exame.

Parece plenamente verificada a circumstancia notavel de se manifestar maior quantidade de ozone nos campos cobertos de verdura, do que no interior das cidades; mais sobre as grandes massas de agua

do que sobre as terras estereis. No interior das casas habitadas, nas enfermarias dos hospitaes e nos logares em que as materias organicas se decompõem observa-se a ausencia completa ou quasi completa do ozone.

O que presentemente sabemos da producção e consumo do ozone, pôde desde já fornecer-nos a chave para a explicação de phenomenos que nos interessam debaixo de muitos pontos de vista.

A differença essencial entre o oxigenio ordinario ou passivo, e o ozone ou oxigenio activo está principalmente na maior energia de acção chymica de que este é dotado. No branqueamento do algodão e do linho pelo processo antigo da exposição ao ar e á luz, a materia corante parda é destruida, porque se queima em presença do oxigenio, convertendo-se o seu carvão em acido carbonico e o seu hydrogenio em agua; mas esta combustão não se realisa indifferentemente e do mesmo modo em todas as circumstancias. O oxigenio secco e passivo, ainda que seja auxiliado pela presença da luz solar, não effectua o branqueamento, por que é incapaz de queimar a materia corante. Pelo contrario o ar do campo, aquelle que repousa sobre um prado coberto de relva, e no qual o ozone abunda, porque o emittem as plantas em presença da luz do sol, é o mais proprio e efficaz para effectuar o branqueamento, ou curar os tecidos crus.

Se nos logares em que as materias organicas se decompõem e no interior das casas habitadas se não manifesta o ozone, pela coloração do papel ozonometrico, é porque todo aquelle que o movimento da atmosphaera trouxe, dos logares em que se produz, para estas partes, se consome promptamente em queimar os productos da decomposição organica. A abundancia de ozone n'esses logares seria uma coisa de salubridade: os miasmas, queimando-se completamente pela energia combruente do ozone, deixariam de exercer a sua perniciosa acção sobre a nossa saude.

As materias que viciam o ar dos logares habitados por muitos individuos, e ainda mais por individuos doentes, são incontestavelmente materias em via de decomposição, verdadeiros fermentos capazes de produzir na economia os movimentos anormaes que provocam ou aggravam as doenças; destruil-as é por conseguinte o meio de tornar salubre o ar, é isto o que se alcança pelos desinfectantes, taes como chloro, e pelo ozone.

Quando os medicos aconselham aos seus doentes o ar do campo porque é mais puro, talvez que em muitos casos a conveniencia do remedio proceda da abundancia relativa do ozone que é manifesta n'aquelles logares, ou porque a vegetação abunda, ou porque o consumo d'aquelle principio é consideravelmente menor.

A salubridade de certos logares, em que o movimento do ar é consideravel, pôde tambem explicar-se pela affluencia do ozone, que em-

prega a sua energia na prompta destruição dos principios miasmaticos.

Quando os medicos houverem colligido grande numero de observações ozonometricas feitas em tempo e logar conveniente, estas questões serão largamente illucidadas. As observações, que os physicos com tanta perseverança fazem nos observatorios meteorologicos, não podem applicar-se á resolução de todas as questões que interessam a saude publica. Querer discorrer sobre a relação das indicações ozonometricas, feitas no observatorio meteorologico da Escóla Polytechnica, situado n'uma grande altura, com a marcha da epidemia que teve logar em Lisboa nos fins de 1857 em bairros diversamente situados e afastados d'aquelle logar, é pouco rasoavel e não póde conduzir a resultado algum positivo. Era necessario multiplicar e variar as observações feitas nos diversos logares para que as comparações fossem justas.

Se póde exercer tanta influencia, como me inclino a acreditar, sobre a nossa saude a quantidade relativa do ozone existente no ar, dependendo esta, em grande parte, dos phenomenos electricos da atmosphera, clara fica a dependência em que estamos por este lado com a manifestação d'esses phenomenos.

Quando se diz que as trovoadas, em certos paizes, purificam o ar, quasi que se poderia dizer que o augmento da quantidade de ozone, que estas produzem, é a causa immediata do melhoramento do meio em que respiramos.

Não pareça que, traçando a apologia do ozone, queremos degradar e desacreditar o velho oxigenio, o oxigenio que por comparação chamamos passivo, como principio inutil, que deve abdicar diante da força juvenil do ozone. Ambos elles, como tudo quanto safu das mãos do Creador, tem a sua utilidade providencial, tem as suas funcções determinadas pela eterna sabedoria na physica do globo. O ozone não é necessario para a respiração dos animaes, nem para as combustões a altas temperaturas. Respirado em grande quantidade seria uma causa de destruição. O mesmo oxigenio carece de ser diluido na grande quantidade de ozote, que constitue a atmosphera, para não dar á respiração uma actividade demasiada; porém o ozone em tenue proporção concorre á purificação do ar, porque serve para destruir as emanções nocivas que produz a continua decomposição das materias organicas privadas de vida, e preenche além d'isso outras funcções, talvez mais importantes, que por varios modos nos interessam; entre os quaes nos seguintes artigos, mencionarei algumas para justificar o que levo dito.

J. PIMENTEL.

CHRONICA

Tres acontecimentos interessam de preferencia o chronista d'este jornal: a publicação de um livro, o apparecimento de uma obra de arte e a representação de uma comedia ou drama nacional. E a razão é porque entende que, as novas litterarias e artisticas, são as que tem mais acertado cabimento n'estas paginas. D'esta vez não se publicou livro algum; mas appareceu uma obra d'arte e representou-se uma comedia portugueza.

Esboçaremos primeiro a analyse da comedia.

Foi o cartaz do theatro normal que annunciou o *Morgado de Fafe em Lisboa*, de Camillo Castello Branco. Um bom titulo auctorizado por um bello nome. O publico attrahido por aquelle e fiado n'este, corren na primeira representação ao theatro e encheu-o. Se esperava, quando comprou o bilhete, rir com o *Morgado*, rio ainda mais; se o auctor lhe merecia já confiança, maior conquistou. As palmas foram muitas e o riso que n'aquelle genero de composições é o applauso mais significativo, não esmoreceu um instante no rosto dos espectadores. E d'ali em diante o *Morgado de Fafe*, em vez de se arruinar logo, como é vulgar, sustentou dignamente e por bastante tempo, a sua posição, com algum proveito para si, e mais ainda para o theatro.

Ditoso *Morgado de Fafe*! tu és o mais ditoso de todos os morgados! Nenhum dos teus collegas te iguala! Nenhum d'elles fez tanto em tão pouco tempo! Tu é que podes dizer, como Cesar: *cheguei, vi e venci*.

E senão indica-me onde está o provinciano morgado ou mesmo titular, que, no dia seguinte ao da sua apparição na capital, obteve um terço sequer de popularidade que tu logo alcançaste? Mal se divulgou que estavas entre nós, todos se empenharam em conhecer-te! No fim de uma semana já eras estimado e discutido pelo homem de letras, pelo jornalista, pelo poeta, pelo elegante, e até pelo modesto burguez! Todos sympathisavam contigo e todos te admiravam. O burguez, porque eras alegre e folgazão; os outros porque eras original e sincero. Tiveste o bom senso de não te desfigurares mo-

ral e physicamente para vir á capital. E a rude franqueza do teu character, e feitio despretencioso do teu fato tornaram-te superior na opinião geral aos teus collegas, que julgam chamar a attenção de todas as mulheres e excitar a admiração dos homens pela irreprehensivel justeza do seu vestuario, que só é considerado, por elles, elegante, quando o espelho, onde gastaram duas horas a rever-se, lhe não denuncia uma prega. E pensam talvez que ficam menos ridiculos que tu, meu *Morgado de Fafe!* Julgam que a elegancia consiste na copia exacta dos figurinos do *Jardim das Damas!* Quando estão parados chega-se a duvidar se são homens ou manequins, como ha nos mostradores d'alguns alfaiates! Ao menos tu, *Morgado de Fafe*, moves á vontade o pescoço, cruzas naturalmente a perna sem te lembrares que podes fazer joelheiras na calça, e apanhas affoitamente o lenço que cahio da mão de uma senhora, sem tremer que estale uma costura da casaca! Nada d'isto, porém, acontece aos outros. Todos aquelles cuidados os preoccupam. O fato para elles é tudo; o homem pouca coisa. Do fato esperam as conquistas.... femininas; (sempre é bom explicar) com o fato contam adquirir a celebridade!

E talvez se considerem menos ridiculos e mais esportos que tu, meu bom *Morgado de Fafe!* Olha, com um voto podem elles contar; e é o unico que tem. Não suspeitas qual seja? Pois eu t'ó digo. É com o voto dos alfaiates. Serio, agora.

O *Morgado de Fafe em Lisboa*, é uma comedia de incontestavel merecimento, e á qual pertence um dos primeiros logares no repertorio nacional. Tem jus a elle porque é portugueza de lei. O auctor nada importou de fóra para a sua execução. Typos, phrase, graça, tudo é portuguez. Quadros semelhantes raras vezes apparecem e são os que deviam formar o repertorio de comedia no theatro normal. Ao menos tinham um cunho nosso; embora a contestura fosse menos brilhante. Ao menos o publico resgatava a ausencia das surpresas, escutando um dialogo animado e chistoso, que o diverte porque o entende e a que dá todo o valor porque lhe é familiar. São estas qualidades que dão relevo e primor á comedia de Camillo Castello Branco, que depois das *Prophecias do Bandarra*, é de certo a melhor composição d'este genero.

Cumpre-nos todavia, dizer que o *Morgado de Fafe*, poderia ainda ficar uma comedia mais completa e perfeita, se o auctor não tivesse cifrado no desenho do protogonista toda a sua attenção, descuidando-se do resto dos personagens. N'estes, ha excellentes perfis, mas alguns d'elles pouco pronunciados para a exigencia do enredo. Parece-nos que o desenvolvimento da acção lucraria, se tornasse a leviandade da filha do *barão do Cassurrães* mais saliente. Podia fazel-o, preparando-lhe uma scena de *coquettismo* com os tres pretendentes, e que serviria para justificar plenamente ao final a renuncia de todos ao casamento. É este o unico defeito que notámos na producção e apontamol-o francamente. Com os talentos provados a critica deve ser assim. E demais não está aquelle defeito esplendidamente compensado pelas bellezas que encerra a comedia?...

Quanto ao desenlace não podia ser outro? É o mais logico e o unico adequado ao character do *Morgado*. Queriam talvez vel-o casar com a filha do *barão*? Que absurdo! Pois o auctor havia de passar no fim da comedia um

diploma de tolo ao morgado, depois de o haver apresentado superior a todos que o rodeiam? Não confundam a ignorancia com a parvoice. Reparem que o morgado dá em mais de uma occasião provas do contrario. A sinceridade que o caracteriza e o pouco uso que tem da sociedade, onde entra pela primeira vez, são que o tornam ridiculo. Ignora as conveniencias do mundo, é pouco versado no *Manual de civilidade*; mas sabe as conveniencias da vida e tem a necessaria penetração para apreciar devidamente as coisas. Falta-lhe o feitio do elegante; mas possui a tempera do homem.

Quando procuram este acham-o, como acontece no final do primeiro acto. Mostra ao adversario que é valente em vez de fanfarrão, e, com um só movimento, que se reduz a metter-o debaixo do braço, responde cathegoricamente ás suas ameaças.

Em conclusão o *Morgado de Fafe*, é um typo completo, como era para desejar que apparecessem muitos na nossa galeria theatral.

O actor Rosa deu relevo comico ao pápel do Morgado, e soube merecer os applausos da platéa. As Sr.^{as} Delfina, Emilia, Adelaide e o Sr. Domingos, tambem contribuíram para o realce da comedia, esmerando-se no desempenho dos seus papeis.

E agora preparem-se os espectadores que assistiram ás representações do *Morgado de Fafe*, para satisfazer um novo capricho do auctor, que é homem para os ter n'estas coisas, e que o teve agora, imaginando um drama em que pretende fazel-os chorar tanto como já os fez rir.

Logo o titulo é expressivo, vejam: *Abençoadas Lagrimas!* Agora attendam que a penna que escreveu o drama, é a mesma que traçou *O ultimo acto!* Além d'isso saibam que a actriz Emilia desempenha n'esta nova composição um papel extremamente dramatico e cheio de sentimento; e finalmente, tomem nota de que vai pela primeira vez á scena n'uma noite de festa, que é na noite do beneficio do actor Rosa.

Segue-se a obra d'arte.

É tambem portugueza no assumpto e na execução. Referimo-nos ao monumento a Camões, do Sr. Victor Bastos, de que demos noticia n'um dos numeros anteriores, e que vamos agora descrever aos nossos leitores.

O pedestal que sustenta a estatua é octagono e no estylo renascença. Oito figuras decoram os angulos do pedestal e são estas: Gil Vicentê, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Damião de Goes, Affonso Domingues, Gran-Vasco, Diogo de Couto e Francisco de Moraes Cabral. O distincto estatuario soube variar-lhe as attitudes conservando-lhe igual nobreza e elegancia. Mas, onde o talento de Victor Bastos se manifestou brilhantemente foi no vulto grandioso de Camões que logo á primeira vista impressiona pela magestade do porte. O grande cantor cinge os Luziadas com a mão esquerda sobre o peito e a espada pende-lhe da mão direita. Dos hombros deixa cahir a capa que vai tocar na base, onde está uma couraça e alguns livros.

Quasi todas as nossas melhores illustrações tem ido á Academia das Bellas Artes admirar o novo trabalho do nosso primeiro esculptor, sahindo d'ali entusiasmados com os admiraveis e esplendidos progressos do seu compatriota, que de dia para dia vai acrescentando para si a gloria, que tambem fica pertencendo ao paiz.

N'este momento Victor Bastos, termina o busto do primeiro orador portuguez o Sr. José Estevão.

É assim, trabalhando sempre, que os talentos se vigoram e fortalecem.

E mais algumas obras de artistas nacionaes podemos ainda registar.

Tres lindos quadros pequenos de gados, devidos á delicada palheta do Sr. Annuniação. São dois exteriores e um interior, qual d'elles mais rico de verdade e colorido! Pincel maravilhoso que nunca descança é que a experiencia e o estudo vão diariamente aprimorando!

Tambem o Sr. Pedroso gravador bem conhecido e que illustra actualmente o *Archivo Pittoresco*, pintou um quadro para S. A. o Sr. Infante D. Luiz, representando o embarque de S. A. a Sr.^a Infanta D. Maria Anna, na corveta *Bartholomeu Dias*, por occasião da sua tão saudosa partida. Vê-se no fundo do quadro o Palacio das Necessidades e parte do Tejo. É um ensaio lisongeiro de pintura que confirma o bello talento do gravador.

Resta-nos só mencionar o retrato de S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V, que o Sr. José Rodrigues fez para o gabinete da Praça do Commercio, e que já mereceu geraes louvores da imprensa diaria.

Vamos agora ás novas lyricas.

S. Carlos deu-nos a *Traviata* e o *Nabucco*. Duas operas que foram mais para os olhos que para os ouvidos. A primeira principalmente; na segunda houve momentos que eram para ambos. Poucos é verdade; porque são poucos os trechos cantados pela Lotti. Enthusiasmava então ouvil-a; captivava sempre vê-la! Que elegancia e gentileza no primeiro acto! Que distincção e bom gosto de vestuario no segundo! A amazona dominou a platéa que a recebeu com um bravo espontaneo; e foi a este dominio que se deveu a salvação — momentanea — da opera.

Hoje dá a *Revista Contemporanea* aos seus assignantes o retrato de M.^{me} Lotti, com uma bella apreciação de Julio Cesar Machado. Ali descreve a illustre cantora, como sabe descrever a chistosa penna do estimado folhetinista da *Revolução de Setembro*, em traços elegantes, singelos e graciosos. São dois retratos em vez de um, e qual d'elles mais semelhante.

E a *Traviata*? dirá o leitor. Já lá vamos. Da opera poderíamos esquecer-nos, mas da *Violetta*, não. A opera fez-nos saudades, como nos tem feito sempre, da *De Giuli Boisi*; a *Violetta*, obrigou-nos a esquecer todas. Nada ha perfeito e completo n'este mundo. D'esta vez tivemos uma artista que nos realisou a creação do poeta, como já tivemos quem nos traduzisse a inspiração do maestro. Por isso o publico applaudio estrepitosamente uma e extasiou-se intimamente diante da outra.

Todavia, é necessario confessar que a interpretação da *Traviata*, pela Sr.^a Hensler se não conseguiu elevar-se á altura da partitura, foi bastante lisongeira. A boa vontade e o estudo consciencioso da artista, manifestaram-se sempre, conquistando-lhe em mais de um trecho merecidos applausos.

Remataremos a chronica com a nova de uma boa aquisição que a empreza do *Archivo Pittoresco* fez para o seu jornal. Consiste na escolha do Sr. Silva Tullio, para director litterario.

ERNESTO BIESTER.

